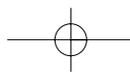
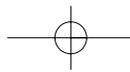
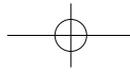


Mulher e Trabalho



**Ministério
da Educação**





Apresentação

Ao longo de sua história, o Brasil tem enfrentado o problema da exclusão social que gerou grande impacto nos sistemas educacionais. Hoje, milhões de brasileiros ainda não se beneficiam do ingresso e da permanência na escola, ou seja, não têm acesso a um sistema de educação que os acolha.

Educação de qualidade é um direito de todos os cidadãos e dever do Estado; garantir o exercício desse direito é um desafio que impõe decisões inovadoras.

Para enfrentar esse desafio, o Ministério da Educação criou a Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade – Secad, cuja tarefa é criar as estruturas necessárias para formular, implementar, fomentar e avaliar as políticas públicas voltadas para os grupos tradicionalmente excluídos de seus direitos, como as pessoas com 15 anos ou mais que não completaram o Ensino Fundamental.

Efetivar o direito à educação dos jovens e dos adultos ultrapassa a ampliação da oferta de vagas nos sistemas públicos de ensino. É necessário que o ensino seja adequado aos que ingressam na escola ou retornam a ela fora do tempo regular: que ele prime pela qualidade, valorizando e respeitando as experiências e os conhecimentos dos alunos.

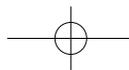
Com esse intuito, a Secad apresenta os *Cadernos de EJA: materiais pedagógicos para o 1.º e o 2.º segmentos do ensino fundamental de jovens e adultos*. “Trabalho” será o tema da abordagem dos cadernos, pela importância que tem no cotidiano dos alunos.

A coleção é composta de 27 cadernos: 13 para o aluno, 13 para o professor e um com a concepção metodológica e pedagógica do material. O caderno do aluno é uma coletânea de textos de diferentes gêneros e diversas fontes; o do professor é um catálogo de atividades, com sugestões para o trabalho com esses textos.

A Secad não espera que este material seja o único utilizado nas salas de aula. Ao contrário, com ele busca ampliar o rol do que pode ser selecionado pelo educador, incentivando a articulação e a integração das diversas áreas do conhecimento.

Bom trabalho!

Secretaria de Educação Continuada,
Alfabetização e Diversidade – Secad/MEC



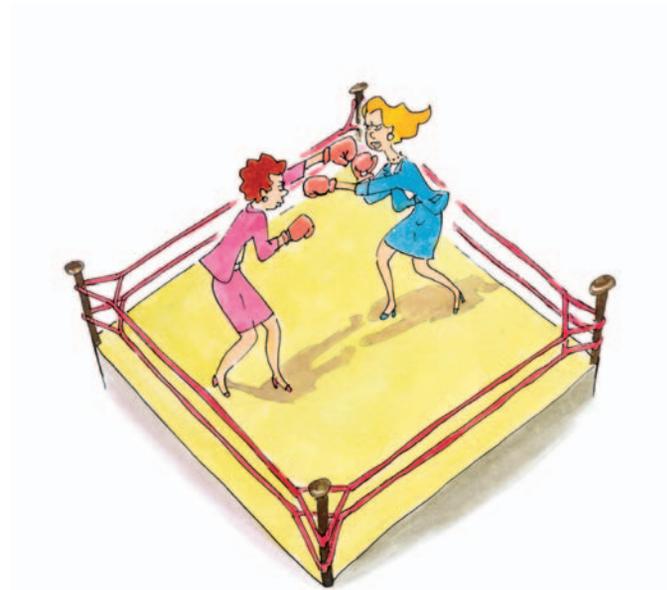
Sumário



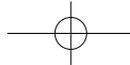
TEXTO

| | |
|------------------------------------|----|
| 1. Mulheres em desvantagem | 6 |
| 2. O caso Esmeralda | 8 |
| 3. Vida nova aos 60 | 10 |
| 4. Novos tempos | 11 |
| 5. Conceição das crioulas | 14 |
| 6. Um desenho | 16 |
| 7. A carregadora de pedras | 17 |
| 8. Aviso da lua que menstrua | 18 |
| 9. Mulheres da terra | 20 |
| 10. A arte da guerra para mulheres | 22 |
| 11. “Acreditaram nele” | 23 |
| 12. Dupla jornada | 24 |
| 13. O inevitável trabalho feminino | 26 |





| | |
|--|----|
| 14. Cuidado: mulheres trabalhando | 28 |
| 15. O poder: masculino ou feminino? | 30 |
| 16. Afinal, o que faz um primeiro-damo? | 32 |
| 17. Bobagem | 34 |
| 18. Salários mais equiparados com os dos homens | 35 |
| 19. Em busca de emprego | 36 |
| 20. Rendimentos desiguais | 44 |
| 21. Homenagem a quem faz | 46 |
| 22. Mulheres e trabalho na história do Brasil | 48 |
| 23. A life of charity | 51 |
| 24. “Ellas” | 52 |
| 25. Um pouco da história do dia internacional da mulher | 54 |
| 26. Fazem mais e ganham menos | 56 |
| 27. Mensagem da baixa verde | 63 |



MULHERES EM DESVANTAGEM

Elas são a metade da população brasileira, ainda assim ganham menos do que os homens

Dentre os brasileiros que trabalham, as mulheres são quase a metade (42%). E são responsáveis pelo sustento de aproximadamente um terço das famílias no Brasil. Mas também são as mais atingidas pelo desemprego. Entre a demissão de um homem e de uma mulher, geralmente a mulher é a demitida.

As mulheres que trabalham e têm suas carteiras assinadas ocupam cargos ou postos de trabalho mais desqualificados do que os homens e nas funções de menor prestígio social. E, pior, mesmo que ocupem as mesmas funções e com mais instrução, recebem salários menores do que os homens, enfrentam barreiras imensas na hora da contratação, ficam menos tempo num determinado cargo, têm dificuldades para serem promovidas e custam a chegar aos postos de chefia.

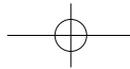
Segundo as últimas pesquisas do IBGE, a discriminação contra as mulheres aumen-

ta, se levarmos em conta a raça das pessoas. Dentre todas as mulheres, 44% se consideram negras. Desse contingente, as que são chefes de família estão entre as mais pobres (muitas, inclusive, abaixo da linha da pobreza). A renda dessas famílias chefiadas por mulheres negras chega a ser 74% inferior à renda dos domicílios chefiados por homens brancos. Ou seja, enquanto a família do homem branco ganha 300 reais por mês, a família da mulher negra recebe somente 78 reais.

Na maioria dos casos, as trabalhadoras estão no setor de serviços, sem carteira assinada e, portanto, sem direitos garantidos pelas leis. As mulheres negras estão fortemente no trabalho doméstico, igualmente, não registrado.

Baseado em texto de Antonio Carlos Spis – secretário nacional de Comunicação da Central Única dos Trabalhadores (CUT). Publicado em 8 de março de 2004.





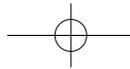
—Precisamos reduzir os salários em 50%. Infelizmente, vamos ter que despedir um de vocês...



Foto: Monica Zarattini / AE

Fila de desempregados no centro de São Paulo (SP): mulheres são maioria.





O CASO ESMERALDA



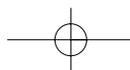
Foto: Vidal Cavalcante / AE

São Paulo, 23/5/2006 18h26.
Meninos de rua são catalogados por assistentes da prefeitura no centro da cidade. Na foto, crianças na Praça da Sé.

Eu estava a fim de sair da vida da rua e das drogas, mas aquela vida tinha as coisas que me ligavam. É como alguém que mora há trinta anos na Vila Madalena e de repente, do nada, vai morar na Freguesia do Ó. No começo vai se sentir mal pra caramba. Eu sabia que tinha que abrir mão dos meus amigos, tinha que arrumar pessoas diferentes, e aquilo me doía pra caramba. Então entrava numa depressão, ficava direto na depressão, e comecei a tomar remédio.

O terapeuta falava que eu estava vivendo coisas novas, que o tempo ia conseguir mudar. Eu sentia muita vontade de usar droga, de roubar. Ficava fissurada e falava, falava, era muito nervosa.

Eu falava da minha mãe, que eu tinha muito ressentimento. Tinha muita raiva de tudo, de todos. Era como uma bola dentro de mim e um vazio do caramba. O Rafik falava para eu mostrar os meus sentimentos, botar as coisas para fora. Na terapia e no Travessia, comecei a aprender a lidar com os meus sentimentos, a lidar com o passado.



O Rafik se parece com o Enéas, aquele político do “Meu nome é Enéas”. É barbudo, careca, nariz igual ao dele, alto, magro. Mas, no primeiro dia que eu o vi, ele estava todo sério. Ele tem uma fisionomia séria e eu pensei: “Esse homem deve ser mó estranho, mó esquisito”. Mas conversei com ele e comecei a me identificar. Depois comecei a me identificar com as idéias dele.

No começo eu não falei quase nada com ele. Falei que era menor de rua, que tinha ido pra Febem, falei meu nome, falei minhas idéias, que eu não estava gostando nada que o pessoal estava fazendo pra mim, que eu queria mesmo era ir ficando na Febem, ou na rua, em qualquer lugar. Porque eu estava estranhando tudo. Falei que eu era mais feliz na frente do Rafik. Às vezes eu xingava, mas sem violência, não chutava as coisas. Quando eu estava louca de *crack*, eu dormia na sala dele.

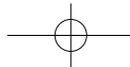
A gente tocava no assunto de “ficar” com as meninas quando eu estava na rua e na Febem. Eu não me apaixonava por elas. Só uma vez eu me apaixonei por uma menina e fiz uma promessa pra ela: eu não voltaria mais pra rua. E não voltei mais. O nome dela era Roselaine, o apelido era Nani. Eu falava só dela pro Rafik. Acho que ela tinha 16 anos, eu tinha 17. Ela era pequena, tinha 1,50 m mais ou menos, ca-

belo liso até os ombros. Ela era inteligente, nem usava drogas. Nem sei por que ela estava na Febem. Eu cheguei a gostar da Nani. Ela me ajudou bastante, ela me disse: “Você vai ter que sair da rua e vai largar das drogas”. E foi por isso que, quando fui pra Casa de Passagem, eu não fugi.

Fundação Projeto Travessia

A fundação é uma organização social que existe em São Paulo desde 1995 e trabalha com adolescentes e crianças em situação de risco, oferecendo nova perspectiva de vida ao buscar a garantia de seus direitos fundamentais. Seus educadores (psicólogos, médicos, professores e outros profissionais especializados) promovem, junto a cada menino e menina, uma auto-reflexão sobre os riscos constantes a que estão sujeitos, para reconstruir coletivamente o sonho de um futuro melhor e a capacidade de transformar suas histórias pessoais. Todo atendimento tem como missão promover o retorno desses jovens e crianças à escola regular, acompanhando-os – e também aos seus familiares – na reintegração ao convívio familiar e comunitário.

*Trecho extraído do livro **Esmeralda, por que não dancei**, de autoria de Esmeralda do Carmo Ortiz (Editora Senac).*



VIDA NOVA AOS

*Na terceira idade,
mulheres procuram
emprego que dê
estabilidade*

60

Cansada de vender produtos de casa em casa, ela foi à procura de estabilidade aos 60 anos de idade. Mas, passados os 45, não é fácil encontrar trabalho.

Segundo o Dieese (Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Sócio-Econômicos), profissionais na faixa de 25 a 34 anos passam, em média, treze meses desempregados, aos 45 anos ou mais dedicam dezoito meses em busca de uma vaga.

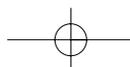
Odette Pohl Caneloi, 66, há três anos trabalha em uma loja do supermercado Barateiro, do Grupo Pão de Açúcar.

“Sei pelas minhas amigas que o preconceito contra o idoso é grande, acho que tive sorte. Fui muito bem recebida por aqui”, diz ela, que atua como atendente e dá informações para os clientes.

“Confesso que me achava improdutiva e fiquei com medo no começo. Mas hoje virei a conselheira da turma e fiz amigos de outras idades, coisa que já não passava mais pela minha cabeça”, comemora.

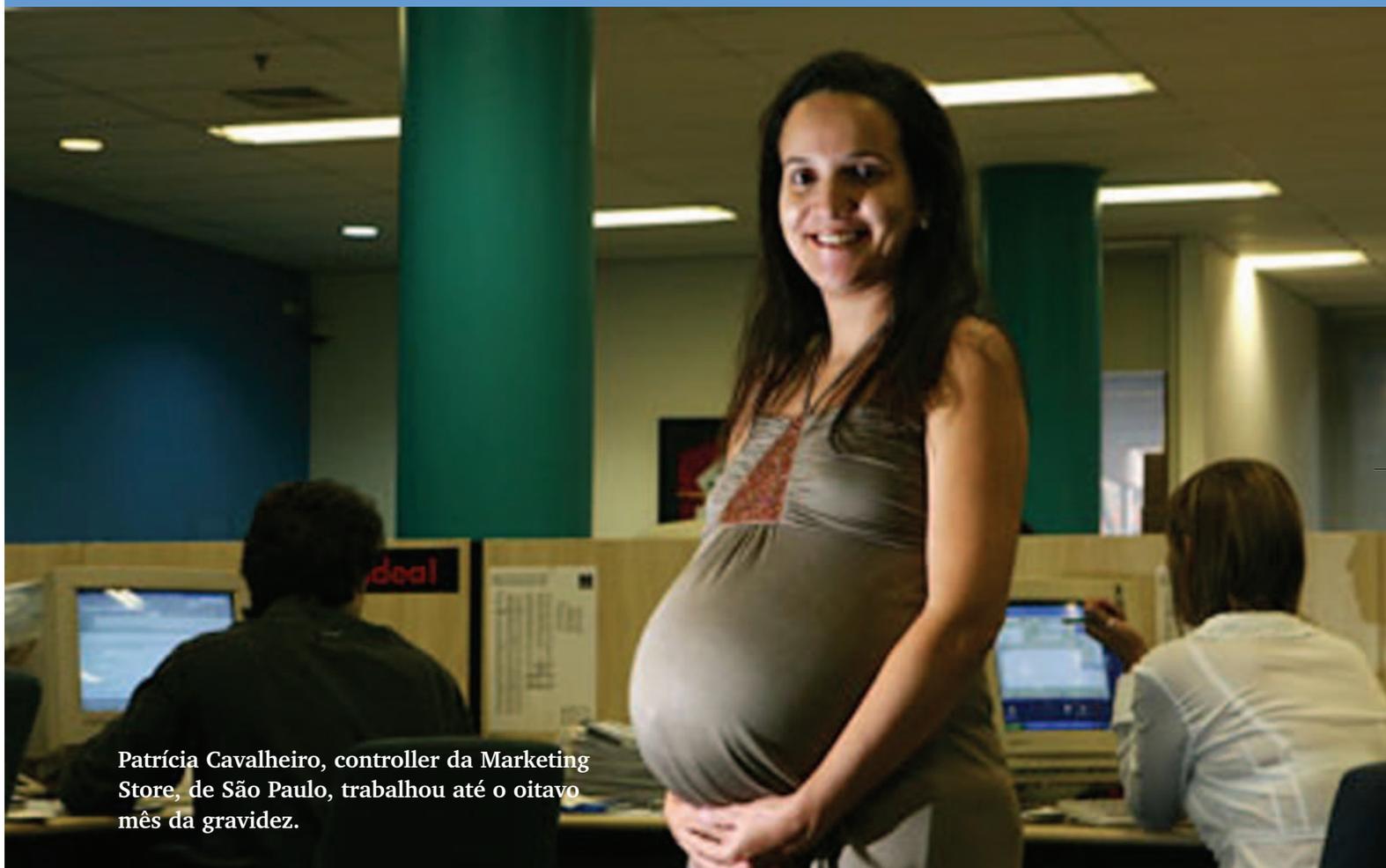
Trecho adaptado de matéria publicada no Caderno Equilíbrio, Folha de S. Paulo, em 11/3/2004. Adaptação: Página Viva.

Ilustração: Alcy



NOVOS TEMPOS

Empresas contratam mulheres durante a gravidez

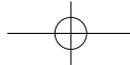


Patrícia Cavalheiro, controller da Marketing Store, de São Paulo, trabalhou até o oitavo mês da gravidez.

Ao saber que está grávida, a mulher não pode mais ser demitida arbitrariamente ou sem justa causa e tem seus direitos garantidos pela lei desde a confirmação da gravidez até cinco meses após o parto. O salário-maternidade é pago integralmente, pelo empregador – ressarcido

em seu imposto de renda – ou diretamente nas agências da Previdência Social. Em qualquer um dos casos, o período de repouso pode ser aumentado em mais quatro semanas – duas antes e duas depois do parto – por razões médicas.

Foto: Clayton de Souza / AE



Texto 4 / Conquistas trabalhistas

Licença-maternidade, a lei em vigor

Empregada registrada – A lei garante à mulher o direito de não trabalhar quatro semanas antes do parto e oito semanas depois. O salário-maternidade, equivalente ao último valor recebido pela empregada, é pago durante todo esse período de licença.

Empregada doméstica – Possui direitos semelhantes à empregada registrada, com a diferença de ter que ir até uma agência da Previdência Social requerer o salário e a licença. O valor recebido é equivalente ao último salário em que houve contribuição previdenciária.

Mães adotivas – Ao adotar uma criança ou ganhar sua guarda judicialmente, a mulher adquire direitos iguais aos das grávidas. O valor recebido varia de acordo com o vínculo empregatício que essa mãe

tem e o tempo de acordo com a idade da criança adotada.

Trabalhadora autônoma ou contribuinte facultativa – Nesses casos de contribuição em períodos alternados, a contribuinte deve pagar a Previdência por dez meses para voltar a ter direito ao salário-maternidade e à licença.

O valor recebido é equivalente à média dos últimos doze salários (em um período máximo de quinze meses).

Parto prematuro – A mulher passa a ter direito à licença e ao salário-maternidade no momento do parto e por mais doze semanas.

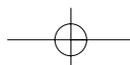
Aborto espontâneo ou previsto em lei – risco de vida para a mãe ou estupro devem ser comprovados por atestado médico e o salário-maternidade é pago por duas

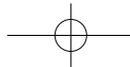
O que dizem os pediatras

É importante que a mulher esteja com o bebê até os seis meses, porque o leite materno é recomendado até esta idade, apesar de não haver um período específico para a mãe deixar de amamentar. Há crianças, por exemplo, que mamam até um ano de idade. O leite materno é o alimento ideal para o bebê porque não há risco de contaminação, como existe com a mamadeira. Além disso, o custo é zero, e o bebê pode aproveitar, ainda, o aconchego de contato com a mãe. O leite materno é, com certeza, o melhor alimento para o bebê, e não aquelas mamadeiras de leite de vaca com maisena. O bebê que se alimenta

até os seis meses com o leite materno ganha imunidade e terá menos riscos de ficar doente. Quando o bebê deixa de mamar tanto porque a mulher precisa voltar a trabalhar, diminui o estímulo para formação de leite. A mulher que trabalha fora, o tempo todo, perde a oportunidade de dar melhor alimento para o seu bebê, indispensável no começo da vida. A Sociedade de Pediatria está apoiando a ampliação da licença-maternidade por considerar que será um importante ganho para as mães e para seus bebês.

*Extraído de matéria publicada no Jornal A Gazeta, Vitória (ES)
Dr. Ronaldo Edwaldo Martins





semanas, mesmo período em que a mulher pode ficar em repouso.

Licença-paternidade – A licença-paternidade entrou em vigor na Constituição de 1988 e representa, além de um conforto a mais para os pais, um alívio para as mães. Com essa lei, o trabalhador pode ausentar-

se de seu emprego por cinco dias, período que não pode ser descontado de seu salário. Essa licença também serve para o pai registrar seu filho.

Texto adaptado de matéria publicada no Caderno Equilíbrio, Folha de S. Paulo, em 11/3/2004. Adaptação: Página Viva.

Licença-maternidade no mundo

Mães ficam mais tempo ao lado dos filhos recém-nascidos

- África do Sul: 12 semanas
- Alemanha: 14 semanas
- Argentina: 90 dias
- Canadá: até 18 semanas
- Chile: 18 semanas
- Cuba: 18 semanas
- Estados Unidos: 12 semanas
- Itália: 5 meses
- Líbano: 40 dias
- Portugal: 98 dias
- Reino Unido: até 18 semanas
- Suécia: até 450 dias



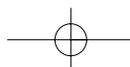
Saiba Mais

- A senadora Patrícia Saboya (PSDB – CE) apresentou o projeto da Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) no Senado, em agosto de 2005, estendendo para seis meses a licença-maternidade. O projeto agora tramita na Comissão de Direitos Humanos da casa e o relator, senador Paulo Paim (PT – RS) já declarou que vai dar parecer favorável.
- Uma vez votado na comissão, segue para a Câmara, e, se for aprovado, vai depender de sanção presidencial.
- “A aprovação da lei não significa que todas as empresas serão obrigadas a estender a licença-

maternidade das funcionárias para seis meses. Somente aquelas que quiserem se inscrever no Programa Empresa Cidadã. Como incentivo, vão receber descontos em tributos federais”, explica Ana Maria Ramos, presidente da SBP.

Arrecadação:

500 MILHÕES: É quanto a União deixaria de arrecadar se todas as empresas aderissem à proposta – em caráter facultativo e mediante incentivos fiscais. Esse é quase o valor gasto com o tratamento de pneumonia de crianças até 1 ano.



CONCEIÇÃO DAS CRIOULAS

Andreína Afonsina dos Santos

Da Comunidade Conceição

A vocês quero falar

Onde o povo descobriu

Um jeito novo de trabalhar

Fugindo da escravidão

As crioulas aqui chegaram

Fiaram aquele algodão

E seu patrimônio compraram

Não sabiam que assim estavam

Fazendo do seu artesanato

Povo simples de pequena cultura

O ofício que sempre desempenharam

Se antes alguém viu como insignificantes

Vejam agora um povo vitorioso

Que se assumem como negros

Bem felizes e importantes

Conceição das Crioulas

A Comunidade Quilombola de Conceição das Crioulas fica no sertão central pernambucano, a 550 quilômetros de Recife. De acordo com o relato dos seus mais antigos moradores, a comunidade se estabeleceu no início do século 19, por iniciativa de seis negras livres.

Hoje, em parceria com a Universidade Federal de Pernambuco e o Sebrae, seus moradores desenvolvem o Projeto Imaginário Pernambucano: produção de peças artesanais de barro, caroá, palha e imbirá, que, além de gerar renda, reafirmam a identidade étnica da população.

A trabalhadora negra

“Na escala da discriminação, a mulher negra ocupa posição ainda pior do que aquela ocupada pela mulher branca e pelo homem negro.”

A somatória das discriminações resultantes do racis-

mo e do machismo atinge em cheio a mulher negra, tornando sua situação particularmente dramática.

O contingente de mulheres negras em atividades domésticas é sempre muito grande em todas as capitais pesquisadas. Em Belo Horizonte, por exemplo, o percentual de negras em emprego doméstico (31%) é mais que o dobro do percentual de brancas (14,2%).

No Distrito Federal, cerca de 45% das negras encontram-se ocupadas em atividades consideradas vulneráveis.

Em Salvador, 36,2% das mulheres brancas concluíram o ensino universitário, contra apenas 10,9% de negras que conseguiram alcançar esse nível de ensino.

Na escala da discriminação, a mulher negra ocupa posição ainda pior do que aquela ocupada pela mulher branca e pelo homem negro.

Extraído do Mapa da População Negra no Mercado de Trabalho



Outros Quilombolas

Mulheres debulhando feijão na comunidade do Mangal, município de Sítio do Mato, na Bahia.

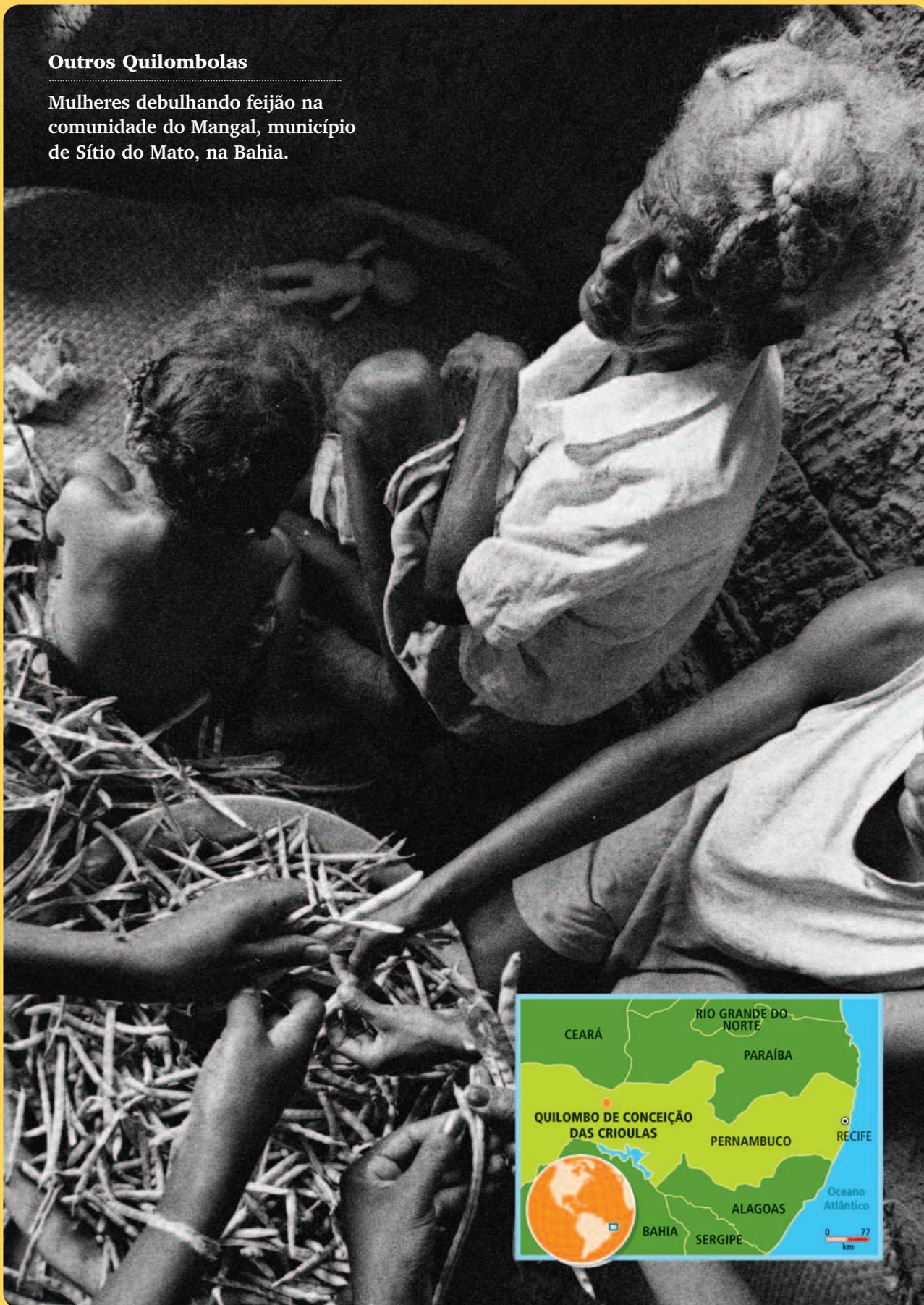
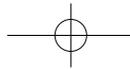


Foto: Ricardo Teles / AE – Mapa: Infografe



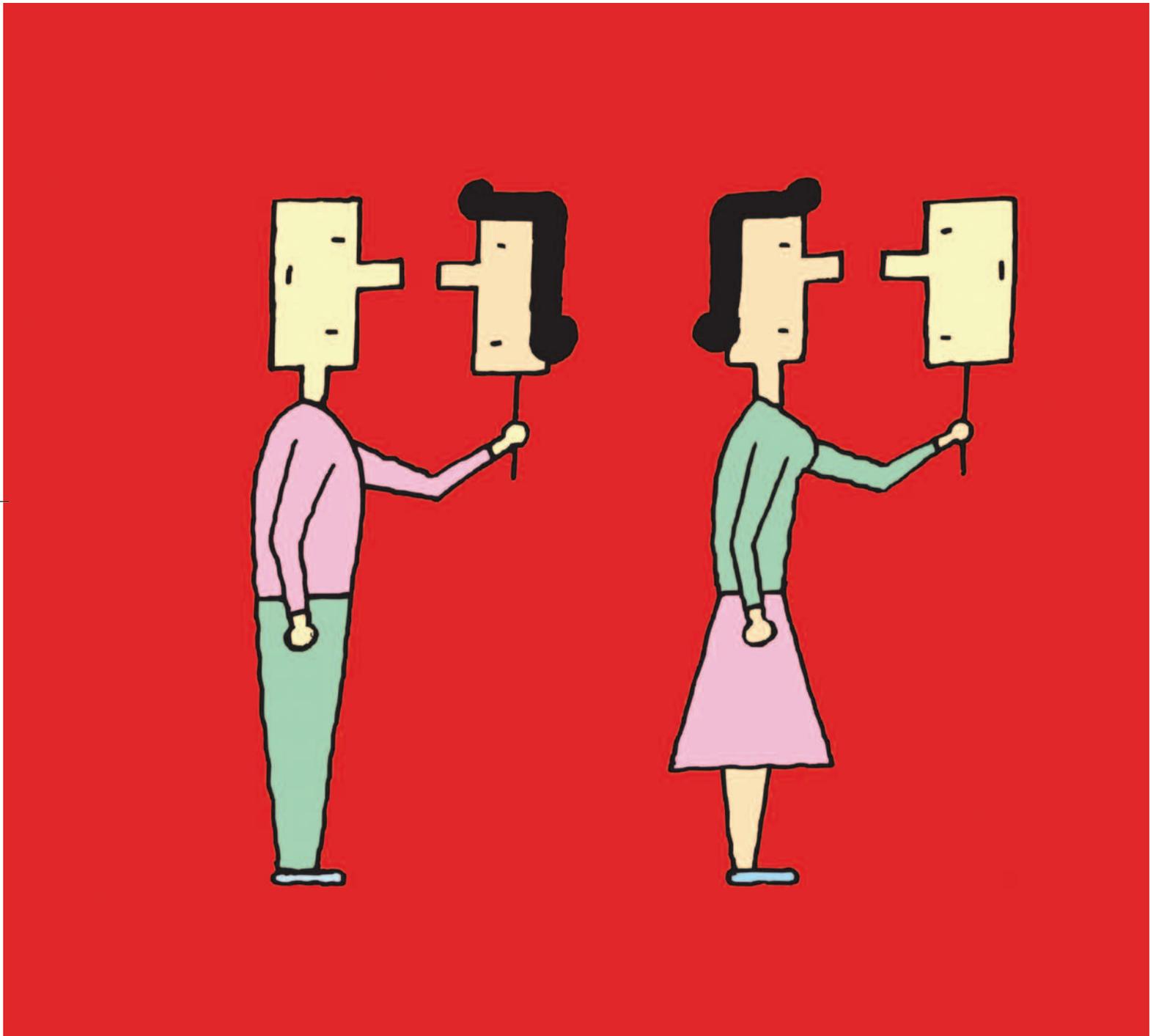


TEXTO 6

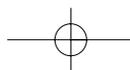
Feminino x masculino

UM DESENHO

Guto Lacaz



Extraído da revista Caros Amigos



A CARREGADORA DE PEDRAS

Sonia Biondo

Desde que conquistou o direito à jornada dupla de trabalho, a chamada mulher moderna ainda parece estar longe de conseguir desfazer o mal-entendido que provocou a briga pela igualdade profissional com os homens. Não era bem isso o que desejava. Mas, no afã de se liberar de outras opressões, ela acabou partindo para o mercado de trabalho como se ele fosse a solução de todos os problemas financeiros, conjugais, maternais e muitos outros “ais”. E pagou o preço da precipitação, claro. Agora não adianta chorar sobre o leite derramado – até porque a maior parte das vezes continua sendo ela que vai limpar, ah, ah! Falando sério, todas nós sabemos que há muito a fazer para promover alguns ajustes e atualizações nessa relação de direitos e deveres de homens e mulheres. Como falar sobre isso ajuda, vamos lá.

Em primeiro lugar, a questão do tempo livre. Que não existe, de fato. Aquele ditado “descansa carregando pedras” foi feito para ela. Trabalhando fora ou dentro de

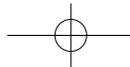
casa, a mulher dificilmente se livra da carga das tarefas domésticas, mesmo que não se envolva pessoalmente. Costuma ser dela a responsabilidade pela arregimentação das empregadas, faxineiras, babás, jardineiros, lavadeiras, passadeiras, prestadores de serviço em geral, sem falar no abastecimento da casa. (...)

Depois, com o desaparecimento gradual da parceria patroa/empregada doméstica, homens e mulheres terão, mais cedo do que se pensam, que lidar com a administração do caos doméstico. Sem privilégios. E a primeira providência para esse futuro cor-de-rosa começa com a educação progressista dos filhos, os novos maridos e esposas que contarão com uma boa ajuda de um arsenal de maravilhas eletrônicas – entre elas, a de empregada-robô. Que não enguiça. Porque, se enguiçar, já sabem quem vai mandar consertar. Ou não?

Sonia Biondo é jornalista e escritora. Texto extraído do *Jornal do Brasil*.



Ilustração: Alcy



TEXTO 8

O que é ser mulher

AVISO DA LUA QUE MENSTRUA

Elisa Lucinda

Moço, cuidado com ela!

Há que se ter cautela com esta gente que menstrua...

Imagine uma cachoeira às avessas:

cada ato que faz, o corpo confessa.

Cuidado, moço

às vezes parece erva, parece hera

cuidado com essa gente que gera

essa gente que se metamorfoseia

metade legível, metade sereia.

Barriga cresce, explode humanidades

e ainda volta pro lugar que é o mesmo lugar

mas é outro lugar, aí é que está:

cada palavra dita, antes de dizer, homem, reflita.

Sua boca maldita não sabe que cada palavra é ingrediente

que vai cair no mesmo planeta panela.

Cuidado com cada letra que manda pra ela!

Tá acostumada a viver por dentro,

transforma fato em elemento

a tudo refoga, ferve, frita

ainda sangra tudo no próximo mês.

Cuidado, moço, quando cê pensa que escapou

é que chegou a sua vez!

Porque sou muito sua amiga

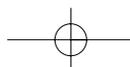
é que tô falando na “vera”

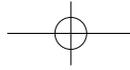
conheço cada uma, além de ser uma delas.

Você que saiu da fresta dela

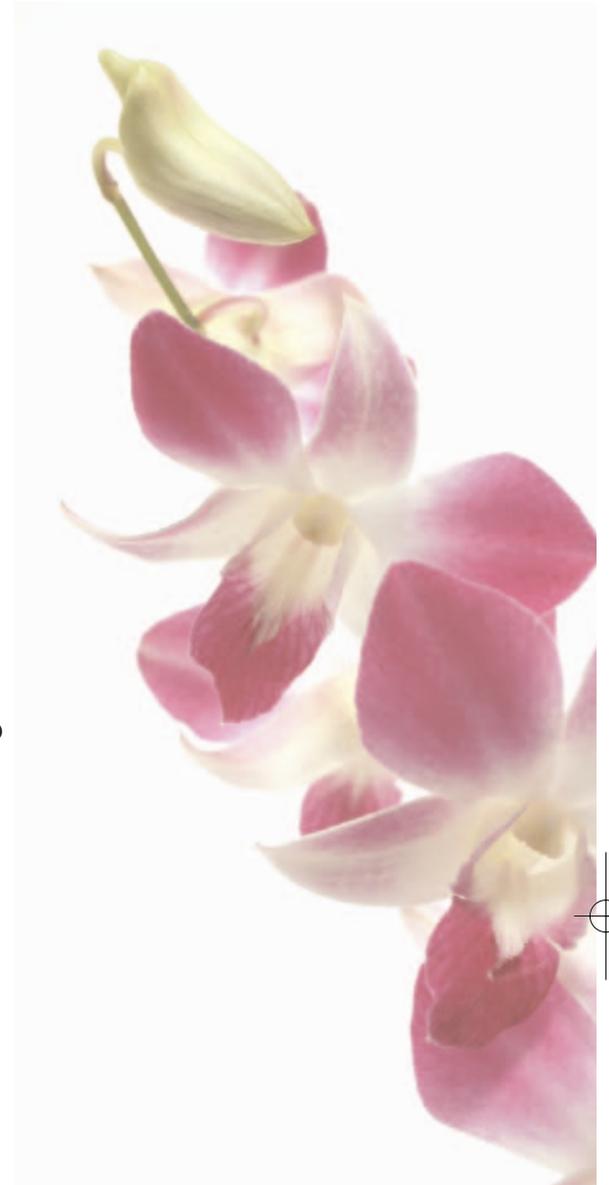
delicada força quando voltar a ela.

Não vá sem ser convidado

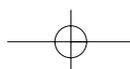




ou sem os devidos cortejos.
Às vezes pela ponte de um beijo
já se alcança a “cidade secreta”
a Atlântida perdida.
Outras vezes várias metidas e mais se afasta dela.
Cuidado, moço, por você ter uma cobra entre as pernas
cai na condição de ser displicente
diante da própria serpente.
Ela é uma cobra de avental.
Não despreze a meditação doméstica.
É da poeira do cotidiano
que a mulher extrai filosofando
cozinhando, costurando e você chega com a mão no bolso
julgando a arte do almoço: Eca!...
Você que não sabe onde está sua cueca?
Ah, meu cão desejado
tão preocupado em rosnar, ladrar e latir
então esquece de morder devagar
esquece de saber curtir, dividir.
E aí quando quer agredir
chama de vaca e galinha.
São duas dignas vizinhas do mundo daqui!
O que você tem pra falar de vaca?
O que você tem eu vou dizer e não se queixe:
VACA é sua mãe. De leite.
Vaca e galinha...
ora, não ofende. Enaltece, elogia:
comparando rainha com rainha
óvulo, ovo e leite
pensando que está agredindo
que tá falando palavrão imundo.
Tá, não, homem.
Tá citando o princípio do mundo!



Elisa Lucinda é poeta, jornalista e atriz capixaba.
Do livro **O Semelhante**, Editora Record, 1998



ENSAIO

Xandra Stefanel

MULHERES DA TERRA



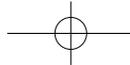


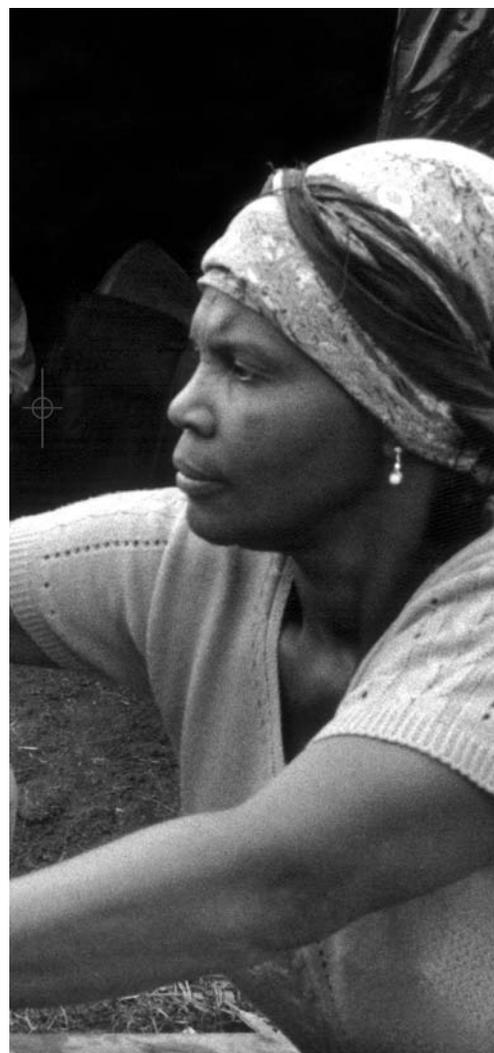
Foto: Osilaim Brito / AE

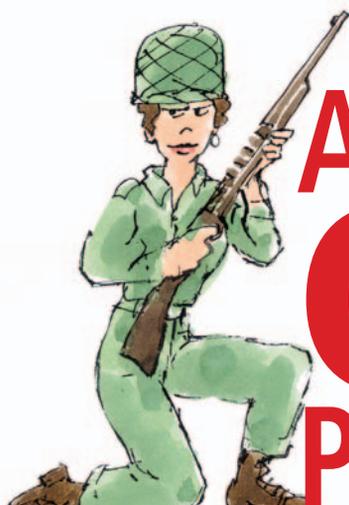
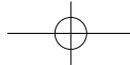
Este ensaio fotográfico com mulheres do Acampamento Terra sem Males, do MST, foi feito durante a gravação do documentário *Mulheres da Terra – da Lona ao Concreto*, que retrata de maneira poética a vida daquelas que, ao lado dos homens, lutam pela tão sonhada reforma agrária.

O objetivo do vídeo-documentário é mostrar que as mulheres do Movimento desempenham os mesmos papéis que os homens: trabalham na roça, cuidam do barraco, dos filhos e participam das decisões do MST. Sob esse prisma, acampadas e assentadas contam seus sonhos e histórias que comovem e mostram como é difícil morar debaixo de lonas para conquistar um pedaço de chão para seus filhos.

O ensaio e o documentário foram produzidos em Cajamar e Sumaré (São Paulo), de março a setembro de 2003.

*Xandra Stefanel é jornalista e locutora.
Publicado na revista Caros Amigos.*





A ARTE DA GUERRA PARA MULHERES

Chin-Ning Chu

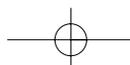
Por mais que os homens pensem no quanto sabem a respeito das mulheres, só uma mulher sabe como é difícil ser mulher. Além da complexidade de nossa compleição física e emocional, como trabalhadoras, somos também provedoras que exercem múltiplos papéis na família: esposa, mãe, cozinheira, faxineira, gerenciadora de crises, contadora, professora, lavadeira, jardineira, motorista, enfermeira, psiquiatra, médica, lavadora de louças e coletora de lixo.

Para competir nesse mundo dominado por homens, nós, mulheres, sempre tivemos de ser duplamente boas em nossas tarefas e ver homens com a mesma competência que nós receberem salários três vezes mais altos.

Depois da batalha dos sexos travada no século anterior, as mulheres estão mais seguras do que nunca em seu eu feminino.

Recentemente eu estava em Sydney, na Austrália, e tive a atenção despertada por um anúncio que dizia: “Antes, eu queria me casar com um milionário. Agora, quero ser milionária”. Esta não é uma atitude expressa apenas na Austrália e nos Estados Unidos; tornou-se um fenômeno internacional – uma corrente de feminilidade universal que atravessa e ultrapassa culturas e fronteiras internacionais.

A escritora Chin-Ning Chu nasceu na China, mas vive desde 1969 nos Estados Unidos. Trecho do livro **A Arte da Guerra para Mulheres**, tradução de Venuza Capilo.



"ACREDITARAM NELE"

Desemprego e humilhação rondam as vítimas, que muitas vezes preferem o silêncio por causa da dificuldade em provar a conduta criminosa do chefe

Vanessa Pessoa e Alfredo Luís Dolci

"Trabalhei seis anos como operadora de telemarketing e, depois de ficar um mês afastada por um problema de tendinite, fui transferida para a área administrativa, em novembro do ano passado. Foi aí que minha vida no trabalho se transformou num inferno."

O gerente do setor em que eu trabalhava me chamou um dia na sala dele e disse: 'Você está prestes a ser mandada embora, porque não serve mais para a empresa. Se quiser manter o emprego, tem que dar uma saidinha comigo, senão vai para o olho da rua'. Saí chorando da sala dele e fui falar com um colega. Em seguida, ele me viu contando a esse colega que fui assediada. Ele pegou com força no meu braço e disse que eu ia pagar caro por ter contado o que aconteceu. Os meus colegas de trabalho viram, mas por medo de represália não fizeram nada. A

história acabou chegando até a diretoria do banco e fomos chamados para falar sobre o assédio. Ele negou, disse inclusive que era muito religioso, casado e que jamais faria uma coisa dessas. Como eu não tive como provar o assédio, ele começou a me ameaçar, dizendo que faria de tudo para me demitir. Ele conseguiu que eu fosse demitida em maio deste ano. Com dez anos de trabalho, o banco preferiu acreditar nele do que em mim.

Fonte ▶ Extraído do Diário de S. Paulo - 12 de outubro de 2003.

DUPLA

Estudo mostra que administrar o tempo hoje é a maior preocupação da mulher

O dilema feminino deixou de ser a clássica escolha entre dedicação à carreira ou à família. O objetivo agora é encontrar a fórmula de se organizar para dar conta, e bem, das duas funções. Esse é o resultado de uma pesquisa realizada pela SEC, Secretary Search & Traininig, empresa especializada no recrutamento de profissionais de secretariado, com 270 executivas e secretárias de todo o país.

Realizada via Internet, durante o mês de fevereiro de 2002, a pesquisa mostrou que 71% das entrevistadas tentariam organizar melhor o seu tempo se a vida pessoal interferisse e causasse prejuízos à sua ascensão profissional; 19% se preocupariam somente com a carreira; e apenas 1% jogaria tudo para o alto e apostaria na família, casamento e filhos. Nove por cento não saberiam o que fazer ou buscariam outras soluções.

A pesquisa mostrou também que 59% das mulheres acreditam ter possibilidade de administrar quase sempre as jornadas de trabalho na empresa e em casa, enquanto 35% afirmam conseguir sempre. Somente 2,5% admitem não conseguir. A maior parte das entrevistadas, 67%, diz receber em todas as ocasiões o apoio de sua família (marido, filhos, pais), estimulando novas conquistas profissionais.

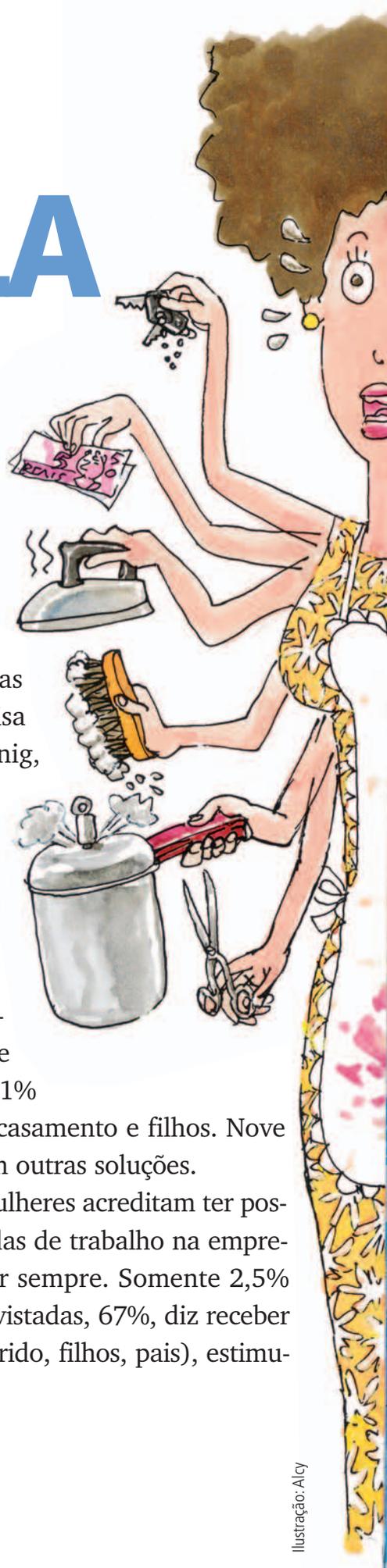
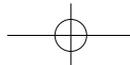


Ilustração: Alcy



JORNADA

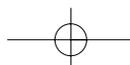
E os filhos? – A última pergunta propõe uma opção com apelo emocional; entre ir à tradicional apresentação de final de ano do filho na escola e comparecer a uma reunião na empresa, 71% responderam que iriam à reunião, 23% iriam à apresentação e 6% não responderam.

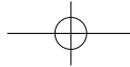
“Não há como recuar diante das imposições que o mercado de trabalho apresenta e das exigências que a própria carreira tem estabelecido à mulher executiva nestas últimas décadas”, diz a *headhunter* Stefi Maerker, coordenadora da pesquisa. “Os resultados apresentados pela nossa enquete demonstram que as mulheres chegaram a um ponto em que precisam mudar rotinas e se adaptar àqueles que convivem ao seu lado se não quiserem abrir mão de suas conquistas.”

[...]

Para Stefi, na nova estrutura, a mãe não pode ser a única responsável pelas tarefas familiares. “Sem a divisão de responsabilidades, a mulher não consegue trabalhar.”

Adaptado de texto de Maura Campanilli publicado no jornal Estado de S. Paulo, 9/5/2002





O INEVITÁVEL TRABALHO FEMININO

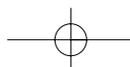
A mulher pobre, cercada por uma moralidade oficial completamente desligada de sua realidade, vivia entre a cruz e a espada. O salário miúdo e regular de seu marido chegaria a suprir as necessidades do mês só por um milagre. Mas a dona de casa, que tentava escapar à miséria por seu próprio trabalho, arriscava sofrer o pejo da “mulher pública”.

Em vez de ser admirada por ser “boa trabalhadora”, como o homem em situação parecida, a mulher com trabalho assalariado tinha de defender sua reputação contra a poluição moral, uma vez que o assédio sexual era lendário. Uma moça de 19 anos apresentou a queixa de que na casa de sua madrasta era muito maltratada: “até para comer [...] concorria, pois trabalhava em uma fábrica de louças”. Outra mulher, empregada durante quatro anos em uma fábrica de fiação de tecidos, foi obrigada a chamar amigos para atestar que “tinha se comportado muito bem na aludida fábrica” – nesse caso, a situação virou contra seu marido, pois o curador-geral perguntou “a razão pela qual o requerido permitiu que sua



esposa trabalhasse numa fábrica”. As mulheres que trabalhavam nas tarefas caseiras tradicionalmente femininas, lavadeiras, engomadeiras, pareciam correr menos perigo moral do que as operárias industriais, mas, mesmo nesses casos, sempre as ameaçava a acusação de serem mães relapsas. Vide a crítica insinuada por um depoente: “para a requerente trabalhar, era necessário que o menor ficasse em casa da avó paterna ou outras pessoas, não receber assim uma educação como devia...”.

A norma oficial ditava que a mulher devia ser resguardada em casa, se ocupando dos afazeres domésticos, enquanto os homens asseguravam o sustento da família trabalhando no espaço da rua. Longe de retratar a realidade, tratava-se de um estereótipo calcado nos valores da elite colonial, e às vezes espelhado nos relatos de viajantes europeus, que serviam de instrumento ideológico para marcar a distinção entre as burguesas e as pobres. Basta aproximar-se da realidade de outrora para constatar que mulheres pobres sempre trabalharam fora de casa. Com a industrialização, chega-





ram, junto com as crianças, a compor mais da metade da força de trabalho em certas indústrias, notadamente nas de tecidos. As estatísticas sobre o Rio Grande do Sul em 1900 mostram que cerca de 42% da população economicamente ativa era feminina: as mulheres trabalhavam principalmente em “serviços domésticos”, mas sua atuação era também importante nas “artes e ofícios” (41,6%), na indústria manufatureira (46,8%), e no setor agrícola. No censo de 1920, tanto “artes e ofícios” como “serviços domésticos” tinham sido absorvidos dentro da rubrica “diversas” – pessoas que vivem de suas rendas, serviços domésticos, profissões mal definidas –, mas ainda 49,4% da população economicamente ativa (PEA) do Estado e 50,8% da PEA em Porto Alegre constavam como feminina. Na indústria, as mulheres ocupavam 28,4% das vagas no Estado, e 29,95% na capital.

Em nossos dossiês, apareceram poucas operárias industriais, talvez porque as famí-

lias operárias acharam outras vias para resolver disputas conjugais. Mas não faltam exemplos de trabalho feminino: lavadeira, engomadeira, ama-de-leite, cartomante. Uma mulher vivia de sua banquinha no mercado público, outra “fornecia comida para fora a pessoas na zona” junto ao seu amásio que distribuía as viandas (marmittas). Ironicamente, apesar de ser evidente que em muitos casos a mulher trazia o sustento principal da casa, o trabalho feminino continuava a ser apresentado pelos advogados e até pelas mulheres como um mero suplemento à renda masculina. Sem ser encarado como profissão, seu trabalho, em muitos casos, nem nome merecia. Era ocultado, minimizado em conceitos gerais como “serviços domésticos” e “trabalho honesto”.

*Trecho extraído do livro **História das Mulheres no Brasil**, de Mary del Priore. Editora Contexto, 2004*

CUIDADO: MULHERES TRABALHANDO

Pesquisa conclui que é mais difícil trabalhar com elas

Renato Pompeu

As mulheres sempre trabalharam, em casa, na agropecuária e nas fábricas – mas foi só no último século que elas entraram para valer nas profissões que exigem formação intelectualizada, até então domínio exclusivo dos homens. Essa situação gerou, no campo da realidade concreta, movimentos pelo direito das mulheres ao voto nas eleições, pela igualdade nos salários (a função igual deveria corresponder a salário igual) e pela liberação da mulher adulta em relação ao pai, da mulher casada em relação ao marido, com o estabelecimento da igualdade no direito de família, já consagrada em grande parte dos países. As mulheres, com o precioso auxílio dos anticoncepcionais, alcançaram também uma liberdade sexual nunca vista. Em suma, essa situação gerou, na realidade concreta, diferentes ondas de movimentos feministas.

Em praticamente todos os campos os movimentos feministas foram sendo vitoriosos, a maioria da mão-de-obra, particular-

mente da mão-de-obra intelectualizada, é hoje feminina. Elas, porém, ainda não são representadas na proporção adequada nos quadros de chefia e, embora seja crescente, ainda não é grande a presença de mulheres em cargos políticos, e, mais ainda, em cargos militares.

Mas, principalmente, o campo em que as mulheres estão menos avançadas é o da igualdade salarial. Em todos os países e em todas as profissões as mulheres na mesma função ganham menos do que os homens. Essa situação é atribuída por muitas mulheres ao preconceito contra sua suposta menor assiduidade por causa da menstruação, da gravidez, da amamentação e outras características femininas. Mas na verdade a desigualdade do salário entre os gêneros tem origens materiais e históricas. Durante milênios o homem foi considerado o responsável pelo sustento da mulher e filhos. Então, o salário a ele atribuído era o necessário para sustentar, não apenas a si próprio, mas também à mulher e os filhos. Se alguma mulher se candidatasse a um emprego, se supunha que ela já tinha um

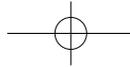
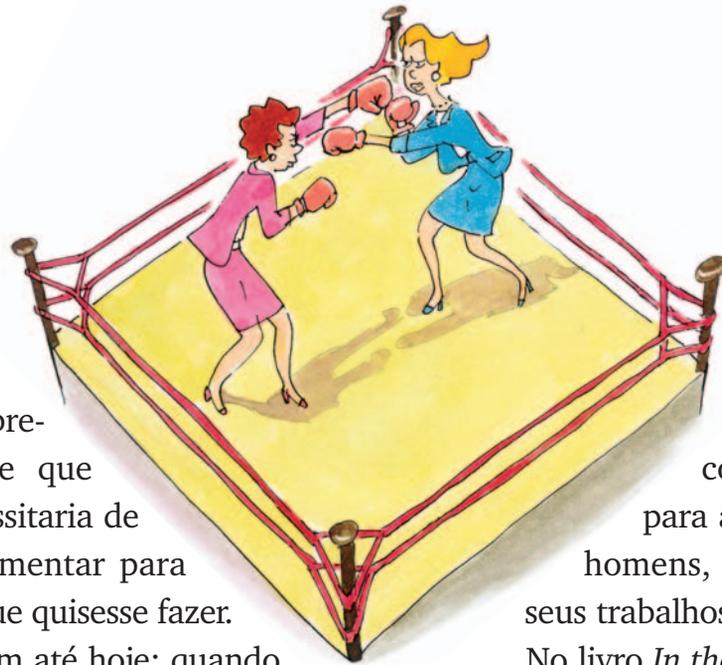


Ilustração Alcy



pai ou marido que garantia a sua sobrevivência básica e que assim ela só necessitaria de uma renda suplementar para outras despesas que quisesse fazer.

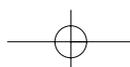
Isso se mantém até hoje: quando a mulher procura um emprego, se supõe que já haja homens na sua família trabalhando e garantindo a renda familiar e que ela precise apenas de um complemento. A prova de que este raciocínio é correto está na aceitação, por parte da mulher, de um salário menor do que o atribuído ao homem na mesma função, salário que o homem não aceita e que, portanto, a mulher também poderia não aceitar. Mas ela aceita o salário menor exatamente porque a situação pressuposta de fato reflete uma situação concreta que, se já foi mais real no passado, continua a ser real no presente: a mulher de fato, na maioria dos casos, precisa de uma renda menor do que a do homem, ainda considerado como esteio da família.

Mas há quem diga que a carga emotiva feminina tanto pode ser positiva como negativa: tanto pode gerar uma competitividade destrutiva maior do que entre os homens como pode gerar colaboração construtiva em grau maior, também, do que

entre os homens. É preciso levar em conta essas diferenças para as mulheres, como os homens, se darem melhor em seus trabalhos.

No livro *In the Company of Women: Turning Workplace Conflict into Powerful Alliances* (Na Companhia Das Mulheres: Transformando Conflitos No Trabalho Em Alianças Poderosas) as autoras Pat Heim e Susan Murphy sugerem que as mulheres cultivam o hábito de torturar umas às outras no ambiente de trabalho. Para chegar a essa conclusão, elas pesquisaram a rotina de cem das maiores multinacionais dos Estados Unidos e entrevistaram mais de mil homens e mulheres. Concluíram que as mulheres são menos transparentes e mais ardilosas que os homens, e não suportam ver o sucesso de uma colega de equipe. Dizem ainda que as mulheres não estão satisfeitas com alguma coisa, têm mais dificuldades que os homens de dizer às claras o que as está incomodando e acabam apelando para táticas ou subterfúgios obscuros. Ficam maquiando, articulando, jogando verde e agredindo indiretamente. São artifícios tipicamente femininos.

Renato Pompeu é escritor e jornalista.



O PODER: MASCULINO OU FEMININO?



Moacyr Scliar

Já tivemos e temos, no Brasil, vereadoras, deputadas, prefeitas, governadoras, ministras. Mas nunca tivemos, como no Chile, uma mulher na presidência. Faria diferença?

Quando eu entrei na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, as moças representavam menos que 10% da turma. Naquela época, havia um hino, popular entre os alunos, que dizia: “Medicina, papa-fina/ não é coisa pra menina”. Hoje, metade das turmas de estudantes de medicina para as quais dou aula são do sexo feminino. É uma proporção justa, como é justa a composição do ministério

da presidenta do Chile, Michelle Bachelet: 50% são mulheres. Afinal, as mulheres são metade, ou mais, da população. No passado, contudo, a realidade demográfica era sacrificada por causa de uma suposta divisão de tarefas. Mulheres tinham de ficar em casa, cuidando dos filhos. Isso mudou. O casamento ocorre mais tarde, quando ocorre, o número de filhos é menor (em média 2,1 no Brasil) e, muito importante, as mulheres entraram no mercado de trabalho, o que corresponde tanto a uma necessidade pessoal como ao achatamento salarial que tornou a renda familiar insuficiente. Resultado: há mulheres em todas as profissões, inclusive nas militares.

Ilustração: Alcy

Mas a política resiste. Já tivemos e temos, no Brasil, vereadoras, deputadas, prefeitas, governadoras, ministras. Mas nunca tivemos, como no Chile, uma mulher na presidência. Faria diferença?

A resposta não é tão óbvia, como mostra o caso de Margaret Thatcher, a “Dama de Ferro”. Aliás, só este apelido já é meio amedrontador. Que homem namoraria uma mulher feita deste duro metal? Só o Superman, talvez, o Homem de Aço, e mesmo assim do contato entre os dois sairia muita faísca. A senhora Thatcher foi duríssima no governo. Pôde ser duríssima, porque o poder lhe permitia. Aí está a coisa: o poder não é masculino nem feminino. O poder – aquele poder consolidado ao longo de séculos, aquele poder que se traduz em uma verdadeira cultura – tem seus mecanismos próprios, como o descobrem todos aqueles que, eleitos, chegam ao governo. Porque o poder não se exerce no vazio e sim em estruturas preexistentes, que têm a tendência a se perpetuar. Como dizem os americanos, “*you think by the seat of your pants*”, você pensa conforme a cadeira sobre a qual estão as suas calças (notem o machismo: saia ou vestido não são mencionados). É isso, a propósito, que faz mudar a conversa de palanque.

Estamos falando de uma coisa que existe, mas não estamos falando de inevitabilidade. O poder é assim, mas ele pode ser transformado, como o mundo se transfor-



Foto: Beto Barata / AE

A presidenta do Chile, Michelle Bachelet, na foto durante a revista à guarda presidencial brasileira, em 11 de abril de 2006, é a primeira mulher no cargo, no país andino.

mo. Não se trata de substituir o poder masculino por poder feminino; trata-se de modificar o poder mediante as lições que as mulheres, à custa de muito sofrimento, aprenderam. Mulheres aprenderam a cuidar, e cuidar é a principal obrigação de quem governa. Michelle Bachelet tem várias credenciais para isso: é mulher, é uma política experiente. Ah, sim, é médica, especializada em saúde pública. Na faculdade, deve ter ouvido dizer que medicina não é coisa pra menina. Provou que é. E provará também, assim o esperamos, que política pode ser coisa para mulheres.

Moacyr Scliar é escritor gaúcho. Coluna do jornal Zero Hora de Porto Alegre

AFINAL, O QUE FAZ UM “PRIMEIRO-DAMO”?

Imagine a cena: um presidente eleito pelo povo concede uma entrevista coletiva. Chega pronto para falar dos planos de governo, mas uma das primeiras perguntas foge completamente do assunto.

– Presidente, como o senhor pretende governar sem ter um amor a seu lado?

Parece improvável, não é? Mas, em se tratando de uma presidenta separada, os limites entre público e privado são outros. Tanto que a presidenta eleita do Chile, Michelle Bachelet, ouviu exatamente essa pergunta. E saiu-se bem:

– Espero que você faça a mesma pergunta aos meus ministros solteiros.

Para a deputada federal Yeda Crusius (PSDB), essa possibilidade é remota:

– O homem não é inquirido, porque normalmente ele é casado, e se tem um ou mais amores, isso é muito aceito (*risos*). A mulher é mais transparente: casa se quer, não casa se não quer.

A vida amorosa das casadas também atíça a curiosidade. Quando era ministra do Planejamento, em 1993, Yeda surpreen-

deu-se com o interesse em saber como era seu marido, o economista Carlos Crusius. No dia da posse, ciente de que onde ia os jornalistas o seguiam, ele brincou com um amigo:

– Nasci para primeiro-damo.

No outro dia, a expressão estava cunhada nos jornais. Na ficção, a situação gerou uma divertida saia-justa: no seriado *Commander in Chief* (exibido no Brasil pelo canal pago Sony), o marido da presidenta americana Mackenzie Allen (personagem encarnada por Geena Davis) levou um choque quando conheceu seu gabinete, todo rosa e feminino.

Mas a discussão vai além dos comentários bem-humorados e da ficção. No Chile, debateu-se seriamente como ficaria o cerimonial de eventos oficiais, já que a presidenta é separada. Quando o marido existe também se pergunta: afinal, o que faz um “primeiro-damo”? No caso dos maridos das chefes de Estado hoje, o estritamente necessário. Limitam-se a acompanhar as mulheres em solenidades e algu-

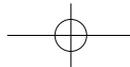


Ilustração: Aicy

mas viagens e seguem com sua rotina de trabalho normalmente.

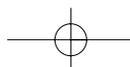
– Quem sabe esse não é o primeiro passo para libertar as primeiras-damas, para que elas possam manter seu trabalho, seguir suas vidas? – especula a deputada federal Maria do Rosário (PT).

Quando os papéis se invertem na política, não é o marido que causa constrangimentos. Em casa, Maria do Rosário conta com o apoio do marido para cuidar da filha, Maria Laura, 6 anos, quando está em Brasília. Nas ruas, quem se aproxima são os simpatizantes. Machismo mesmo só enfren-

tou dos próprios colegas, geralmente numa atitude exageradamente protetora.

– Muitas vezes, quando colegas querem discordar de mim, dizem “Mariazinha...”. Não é preciso falar no diminutivo com as mulheres – diz Maria do Rosário, que não descarta a hipótese de disputar a prefeitura da Capital em 2008. – Queremos respeito e gentileza, mas também ser tratadas como iguais.

Adaptado de texto publicado pelo Jornal Zero Hora, Porto Alegre (RS). Caderno Donna, 5 de março de 2006. Adaptação: Página Viva.



BOBAGEM

Céu

minha beleza
não é efêmera
como o que eu vejo
em bancas por aí
minha natureza
é mais que estampa
é um belo samba
que ainda está por vir
bobagem pouca
– besteira
recíproca nula
– a gente espera
mero incidente
– corriqueiro
ser mulher
– a vida inteira

*A compositora se apresenta,
orgulhosa do que a faz um
ser ímpar*



SALÁRIOS MAIS EQUIPARADOS COM OS DOS HOMENS

Renato Pompeu

Mulher está assumindo liderança no mercado de trabalho

A diferença a mais da média salarial nos homens do Brasil, em relação às mulheres, tem diminuído cada vez mais rapidamente nas últimas décadas. A vantagem masculina no País era de 50% nos anos 1990, mas em março de 2006 o Fundo de Desenvolvimento das Nações Unidas para a Mulher lançou o relatório “O Progresso das Mulheres no Brasil”, segundo o qual a diferença se tinha reduzido para 30%.

Além disso, já faz alguns anos que as mulheres constituem a maioria dos alunos e dos formados nos cursos de todos os níveis no País, fundamental, secundário e superior. No ensino superior, os homens só têm constituído maioria nos ramos de Exatas, mas mesmo assim é crescente o número de mulheres nessas disciplinas. De acordo com o IBGE, 28% dos domicílios são chefiados por mulheres.

Renato Pompeu é jornalista e escritor.

Ilustração: Aicy





EM BUSCA DE EMPREGO

Foto: Filipe Araujo / AE

A saga das mulheres que procuram subemprego

Plim-plim. Vassoura e pano nas mãos, toda terça-feira aparece a Marinete na telinha esfregando um pouco, lavando um pouco, ao som da música-tema que repete “ela é dona do jogo”, a personagem da Rede Globo: uma diarista. Daí a idéia. Ver como é a rotina das mais de 5,3 milhões de pessoas, 93% mulheres, que vivem de organizar, varrer, limpar, esfregar o que outros deixam pra trás. Fui procurar trabalho.

1º Dia

O templo sagrado da peregrinação pelo emprego de baixa renda, em São Paulo, é a rua Barão de Itapetininga, Centrão da cidade. Chego de manhã cedo. Cerca de vinte homens-sanduíche exibem anúncios de trabalho, muitos deles com caixas aber-

tas de papelão aos pés, onde todo dia centenas de pessoas, homens e mulheres, atiram seus currículos. Eu, desavisada, não tenho o que oferecer. A solução vem em pouquíssimo tempo: “Fazemos currículo a 1,50” “Fazemos currículo com foto”, são muitas placas, um enxame, de todas as cores.

As agências de emprego, das mais picaretas às mais sérias, se espremem nas ruas que cercam a Barão junto com oficinas de xerox e “composição” de currículo, fotos 3x4, médicos laborais, advogados trabalhistas e agências de empréstimo (“Sem dinheiro? Resolva já o seu problema! Não precisa de fiador”). Paro diante de uma parede forrada de anúncios de emprego, a maioria escrita a mão, pedindo vendedoras, operadoras de *telemarketing*, secretárias bilíngües, motoristas. Faxineira, nada.

Um senhor, aparentemente o “guardador dos cartazes”, calvo e barrigudinho, anda de um lado para outro, dizendo: “Tem muita coisa aí que não é séria, eles cobram para pegar seu currículo, vai nessa que é séria, vai nessa, eu conheço”. Confio no homem quando ele vem perguntar o que estou procurando.

– Faxineira.

– Eu tenho um trabalho pra você. Um amigo meu tem um escritório aqui perto, mas é só pra o fim de semana, tudo bem?

– Tudo bem, eu preciso trabalhar.

– Então espera aqui que eu vou pegar a chave com ele, te levo lá pra você ver..

Vou? Não vou? Ele volta já pegando no meu braço:

– Vamos?

É quando aparece, não sei de onde, uma negra corpulenta, elegante. Pula na minha frente.

– Então eu vô junto. Não é trabalho de faxinera? Eu também tô procurando.

Ele se afasta resmungando, e ela diz: “Tá te enganando!” E estava. Desapareceu na multidão.

“Todo mundo qué se aproveitá, fia, olho aberto!” Agradeço demais e ela se despede: “A gente se cruza por aqui”. “Tomara que não, né?”

2º Dia

Coloco um anúncio no *Estadão*, mais por fidelidade à verdade do que por exibicionismo: “Diarista bilíngüe com experiência internacional. Preço a combinar. Tel. ...”. Afinal, na abertura de *A Diarista* não é através de um classificado que a Marinete oferece sua força de trabalho?

Chovem ligações.

Só mulheres, algumas desesperadas, procurando trabalho. Os recados não param de chegar na caixa postal, e o que bate à porta não é trabalho, mas o desemprego. Não, essa reportagem não será sobre “a vida de uma diarista”. Será sobre desemprego.

Segunda-feira volto à Barão, não sem antes ligar para dezenas de agências de serviço doméstico para ouvir que não há trabalho de diarista. Todo mundo quer empregada para dormir na casa. Em uma delas recebo um tiquinho de esperança. “...aparece aqui com currículo, RG, CPF, comprovante de residência e atestado de antecedentes criminais”. É assim: se quiser

Texto 19 / Mulher e desemprego

ser uma empregada “empregável”, tem de provar que não é bandida, o que é no mínimo humilhante (o Congresso Nacional aprovou em dezembro projeto de lei do deputado federal Luiz Alberto, do PT da Bahia, proibindo a exigência; agora está no Senado).

Na Barão atiro currículos em todas as caixas e começo a peregrinação nas salinhas, uma por uma, para ouvir jovens recepcionistas repetindo: “Mora onde? Fuma? É casada? Tem filhos?”, até os pés doerem. Seis horas, volto para casa. Arrasada. O cansaço é físico e mental.

Não tenho muita simpatia por estatísticas. Elas tentam colocar um sem-número de angústias, vergonhas, desesperos, em números. Em junho, uma pesquisa do Ibope apontou que a maior preocupação dos eleitores paulistanos, 66% deles, era o desemprego. Viviane Forrester, uma francesa que nem botou os pés por aqui, em seu livro *O Horror Econômico*, coloca de forma melhor: pesa sobre os ombros de cada desempregado a vergonha pelo próprio desemprego.

Toca o celular: é de uma agência de empregos.

– Você se interessa por uma vaga de operadora de *telemarketing*? São mais de cem vagas, pagam de 380 a 600 reais, dependendo da firma.

– Claro que topo!

– Bom, você foi selecionada. Agora é só trazer amanhã o seu RG, CPF, carteira de trabalho, comprovante de residência e a primeira parcela para o curso de treinamento, no valor de 49 reais.

– Como assim, primeira parcela?

– É para o curso, que dura cinco dias, e o valor é de duas parcelas de 49 reais. Olha, a vaga já está garantida, mas o curso vai estar

dando todas as ferramentas...

– Esquece.

– Certeza?

Certeza. Pensando bem, nunca estive na tal agência. Agora sei, pelo menos, para onde vão os currículos atirados nas caixas de papelão na Barão. Toca o telefone de novo: currículo selecionado, auxiliar de cozinha, amanhã às 9 com documentos.

3º Dia

No bufê, uma moça loira, gordinha e decidida diz que não precisa ter experiência, basta vontade de aprender e disposição de ficar até tarde, porque no fim do ano as encomendas dobram. O esquema é 6 x 1, o que significa que só folgamos no domingo, enquanto as horas extras são amontoadas num “banco de horas” que dá direito a folga, depois. O salário, 400 reais – 330 com os descontos.

“Agora sei, pelo menos, para onde vão os currículos atirados nas caixas de papelão”

Visto avental e touca branca no banheiro dos empregados, um pardieiro: roupas penduradas, o chão lodoso, a privada suja, o armário de ferro entulhado de aventais. Tudo fede a mofo, urina, umidade. Destoando do nosso “cantinho”, a cozinha é linda e limpíssima, toda azulejos brancos e mesas de madeira, pilhas e pilhas de fôrmas de bolo, assadeiras, potes, panelas, mais fornos e geladeiras industriais. Cinco mulheres vestidas exatamente como eu. Entretidas em sovar a massa, conversam pouco. Me atrapalho na primeira tarefa, peneirar uma bacia enorme de farinha de rosca, que leva duas horas e algumas câimbras para terminar. O suor escorre pelo rosto, os braços doem e as histórias da simpática Néia me embalam. O filho de 3 anos, cujo pai “assumi e sumiu”, fica com a mãe enquanto ela trabalha até as 10 horas, às vezes até perde o trem. Mas ficar longe do filho tão pequeno dói. As outras, também, cada uma dá um jeito com os filhos – são cunhadas, avós, tias, parentes, os filhos mais velhos cuidando dos mais novos – e a saudade é unânime naquela cozinha.

Em pouco tempo, a mesa central vai sendo coberta por travessas cheias de enrolados, esfihas, folhados, docinhos, salgadinhos, pães, tudo douradinho e cheirando um absurdo, e a fome é maior porque não

podemos comer nenhum. Nosso almoço é uma marmita fria e murcha – arroz, feijão, frango, polenta.

Nem vinte minutos depois, retomamos o serviço. Quando afinal batem 6 horas, já não me agüento em pé e mal consigo disfarçar. Mas a supervisora diz que eu posso voltar amanhã, é só antes passar na agência e assinar contrato, levando a minha carteira de trabalho. Não volto.

4º Dia

De novo na rua, chama a atenção um cartaz escrito a mão: “Precisa-se moças com ou sem experiência”. Ligo para o número, e um carioca me explica que é pra fazer bijuteria. É na Liberdade, a “Chinatown” paulistana. O tal me recebe de camisa aberta e corrente no pescoço, olha de cima a baixo e chama o menino: “Leva ela até a montagem”. E pra mim: “Diz pra patroa que eu mandei ela pegar você”. Atravessamos a rua até um predinho baixo, de corredor escuro, pintura descascando e lixo por todo canto. A “patroa” vem me receber, os cabelos desgrenhados, baforando um cigarro. “O trabalho é fácil, começa às 8 da manhã e eu vou precisar que fique até tarde. Domingo tem folga...” As janelas fechadas, tacos soltos no chão, as paredes rabiscadas por lápis de cor, e entramos num quartinho

“Um cartaz escrito a mão: Precisa-se moças com ou sem experiência. Ligo para o número, e um carioca me explica que é pra fazer bijuteria”

Texto 19 / Mulher e desemprego

onde seis rostos de meninas me olham, curiosos. É onde vou trabalhar. Elas são negras, mulatas, as mãos rápidas. A janela que dá para a rua está coberta por um papelão e a fumaça de muitos cigarros nubla o ambiente.

A patroa explica que paga condução, mas tem de levar marmita. Pra cada dúzia de conjunto (doze colares e 24 brincos), ela paga 1,50 real.

Dia seguinte chego cedo. Quem me ensina o serviço é Shirley, com dois brincos enormes de semente, camiseta justinha, batom, uma princesa de 21 anos. Cortar os fios de selonite, amolecer em água quente, prender o fecho com alicate, e seguir a ordem, bolinha prateada, pedrinha verde, caninho verde, mais uma pedrinha, mais um caninho, pingente, pedrinha, caninho, bolinha. Vou seguindo como posso, é verdade que sou bem mais devagar que as outras e minha mesa é uma bagunça. Ao som dos berros da patroa:

– Suas lerdas!

Quando termino a primeira dúzia de colares e brincos verdes, já são 10 e meia: 1 real e 50 ganhos.

Dia seguinte é tudo diferente. A patroa não está e a casa fica nas nossas mãos. Ouvimos volume máximo, a Rádio Sucesso, que repete o refrão de Zeca Pagodinho:

A janela que dá para a rua está coberta por um papelão e a fumaça de muitos cigarros nubla o ambiente.

“Você sabe o que é caviar? Nunca vi nem comi, eu só ouço falar”. O menu: arroz, feijão e macarrão, tudo misturado. Vou fazendo meus colares, rosa, vermelho, azul... Naiara, a cabeça cheia de cachaça e vinho San Tomé, fala sem parar:

– Mó brisa, mano, tô brisada!

Conta que a mãe costumava bater sua cabeça na parede quando ela dedurava ao pai as escapadas noturnas – a mãe se prostituía escondido. Como naquela noite em que entregou a filha a um homem: “Faz o que ele mandar”. Naiara tinha 8 anos. Na lembrança, ela grita, ri, gesticula nervosamente. Promete que vai matar a mãe. Está “brisada”.

No terceiro dia decido ir embora, quando a patroa chega e avisa que seremos todas revistadas diariamente, além de que trabalharemos “de domingo a domingo”. A patroa me diz para voltar outro dia, buscar meu dinheiro. O total: 22,50 reais, que no terceiro dia consegui fazer cinco dúzias. Jamais foi resgatado, e é com pena que digo que ficou com ela.

5º Dia

Não parei de procurar, aqui e ali, um trabalho temporário para o Natal. O comércio fervia e me sorria com um cartaz que dizia: “Você quer vencer na vida?”

Venha fazer parte da nossa equipe!” A loja de sapatos da Teodoro Sampaio, agitada rua comercial da cidade, pagava 5 por cento sobre o que eu vendesse, e mais nada. Nem o transporte.

Começo numa sexta-feira de sol. Chego à vitrine cheia de variados sapatos, tênis, chinelos, botas, e sou mandada para o fundo da loja, esperar ao lado de duas meninas tão ansiosas como eu, que o supervisor vai falar com a gente, já está a caminho. Dentro da loja é um corre-corre, dezenas de vendedores com a camiseta verde, uniforme da loja. Esperamos. Esperamos. Esperamos.

Horas. Finalmente o tal supervisor dá o ar da graça. Explica tudo de novo – 5 por cento, das 8 às 18, marmita, temporário, entusiasmo etc. – em cinco minutos, e nos manda para o estoque. Que é um pesadelo. Na sobreloja, uma estreita sala, com uma mesa de madeira, serve de refeitório, enquanto o banheiro sujo com só um vaso é a área privativa onde os vendedores se trocam. Um grande filtro fornece água – que é descontada dos salários, 2 reais de cada vendedor por semana. Nas salas ao lado, o estoque: um enorme labirinto escuro de caixas, amassadas, abertas, coloridas, velhas, novas, empilhadas pelo caminho,

Chego na loja, marmita na mão, mas sou barrada.

O gerente me chama de canto: lá no escritório não aprovaram meus documentos. Por quê? Nada. A única resposta é que eles, no escritório, são assim mesmo.

onde couberem, o cheiro de sapato novo ardendo o nariz. O desafio, aqui, é saber onde está cada sapato, e pegar rápido o número certo antes que o cliente se aborreça. Por isso, ficamos horas ali, decorando a posição de cada marca. Antes de ir embora, nossas bolsas são revistadas.

Segunda-feira. Chego na loja, marmita na mão, mas sou barrada. O gerente me chama

de canto: lá no escritório não aprovaram meus documentos. Como assim, se estão todos em dia? Por quê? Nada. A única resposta repetida e repetida era que eles, no escritório, são assim mesmo.

É verdade que nem tudo estava negro naqueles dias. Afinal, eu dispensara um promissor posto de trabalho, numa clínica de massoterapia onde a recepcionista, educada, me explicou com a maior ciência:

– Trabalhamos com massagem terapêutica, em que você vai estar massageando o corpo do cliente. Ela é antiestresse, relaxante, antinervosismo. E também fazemos a massagem tailandesa, conhece?

– Não.

– Também é massagem no corpo do cliente, só que na tailandesa você vai estar usando partes do seu corpo, coxas, nádegas, seios, para a massagem. Só de calcinha.

Texto 19 / Mulher e desemprego

Diante do meu constrangimento, ela avisa que a tailandesa é obrigatória, não pode fazer só da outra. Não paga condução, mas dá refeição.

– Ah, e no final da massagem nós trabalhamos com relaxamento manual.

– Como assim? – não consegui segurar.

Ela faz o gesto: punheta. O pagamento, por sessão, é de 10 reais por meia hora (o cliente paga 80) e 20 reais para uma hora (o cliente paga 110). Digo que vou ligar depois. Sem perspectivas, sigo para a última alternativa: empresa de promoções.

6º Dia

Sento às 7 da manhã na frente de um sobrado branco, junto a uma centena de meninas, sonolentas, na calçada. Elas vêm de todos os cantos da cidade para aguardar a sua vez de serem chamadas. Gisele, a coordenadora, explica que o trabalho é só para os fins de semana, e o pagamento, 20 reais, sai no dia 15 do mês seguinte.

– Topa?

– Topo.

Subo a escada até uma pequena sala onde quarenta meninas se espremem de frente para um homem de meia-idade. Ele anda, impaciente, de um lado para outro,

“Nossa tarefa, descobro com surpresa, vai ser vigiar um banner. Ficamos o dia todo, uma em cada esquina, olhando uma placa. Para a fiscalização não levar, já que é proibido pendurar banners naquela cidade.”

vez ou outra se vira para o grupo assustado e aponta:

– Você, você, você e você.

O silêncio é total. Elas evitam olhar para o homem: a possibilidade de não ser escolhida é terrível, significa 20 reais a menos no fim do mês. Não demoro a ser chamada, vou formar fila junto às outras para receber o uniforme – calça justa

azul, camisa branca de gola, boné azul. Sigo para outra salinha onde pilhas e pilhas de folhetos se misturam a outra dezena de meninas, atrapalhadas, tentando vestir o uniforme. Como a porta não fecha de tanta gente, nos trocamos sob os olhares dos motoristas.

Na perua, nove meninas entre 14 e 16 anos se espremem nos bancos de trás. Quarenta minutos depois chegamos a São Bernardo, município que faz fronteira ao sul de São Paulo. Nossa tarefa, descobro com surpresa, vai ser vigiar um *banner*. Isso mesmo: ficamos o dia todo, cada uma em uma esquina, paradas, olhando uma placa. Para a fiscalização não levar, já que é proibido pendurar *banners* naquela cidade. Sozinhas, o sol forte na cabeça, de pé. Sentar, nem pensar, nem ao menos encostar num muro: são as regras.

– Se você passar mal, liga pra central – avisa o motorista antes de me deixar, abandonada, na minha esquina, e ali fico.

Reparo que ninguém me olha. Os olhares passeiam pela placa, param no número de telefone, e simplesmente me pulam. Sem exceção. Na paisagem urbana, não existo; o uniforme me torna, de fato, invisível – é a “invisibilidade pública”, fenômeno que o psicólogo Fernando Braga observou ao trabalhar junto com os garis da USP.

7º Dia

Domingo subo na Kombi para o último dia dessa jornada. Vou distribuir panfletos com duas alegres meninas, ambas de 17 anos.

Paramos numa esquina da avenida Rudge e nos dividimos por faixa. Vez ou outra passa o supervisor na Kombi. Ali, no farol, quem faz a propaganda dos condomínios de luxo é a Thaís, do Capão Redondo, que dorme num cômodo com os sete irmãos mais novos; é a Tatiane, de Paraisópolis, que também divide o quarto com os irmãos, quatro, num andar erguido sobre a laje da casa da mãe.

Chove torrencialmente, e na cidade centenas de meninas como nós nem se agüentam de felicidade porque podem parar para descansar em algum abrigo. Nós

nos escondemos no banheiro do Sam's Club, e é ali que eu descubro que as duas são evangélicas – Tatiane é da Assembléia de Deus e Thaís, da Comunidade Evangélica Pleno – quando gritam, emocionadas, “aleluia!” para a chuva que lava tudo à nossa volta.

Na perua de volta elas dormem, cansadas. Eu seguro: quero ouvir Maria, 15 anos, muito empolgada, contar como se divertiu com os meninos que faziam malabarismo no farol.

– Eles ganharam tanta coisa, bolacha, pão, pirulito, refrigerante... e dividiram

tudo com a gente!

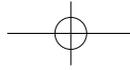
Só isso pra melhorar o dia, depois de ela ter dado de cara com a professora de matemática.

– Nem sei a cor que fiquei, não sabia onde enfiar a cara. Que vergonha!

Saindo da Kombi, as pernas bambas, volto para casa devagar, na cabeça a música-chiclete do programa de televisão: “ela é dona do jogo...”. Ela, ela quem?

“Chove torrencialmente, e na cidade centenas de meninas como nós não se agüentam de felicidade porque podem parar para descansar em algum abrigo.”

Natália Viana é jornalista. Extraído da reportagem “Os trabalhos e os dias”, publicado na revista Caros Amigos, jan/2005.



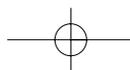
RENDIMENTOS DESIGUAIS

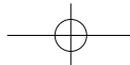
*Mulheres ganham,
em média, 60% do que
recebem os homens, pela
mesma tarefa.*



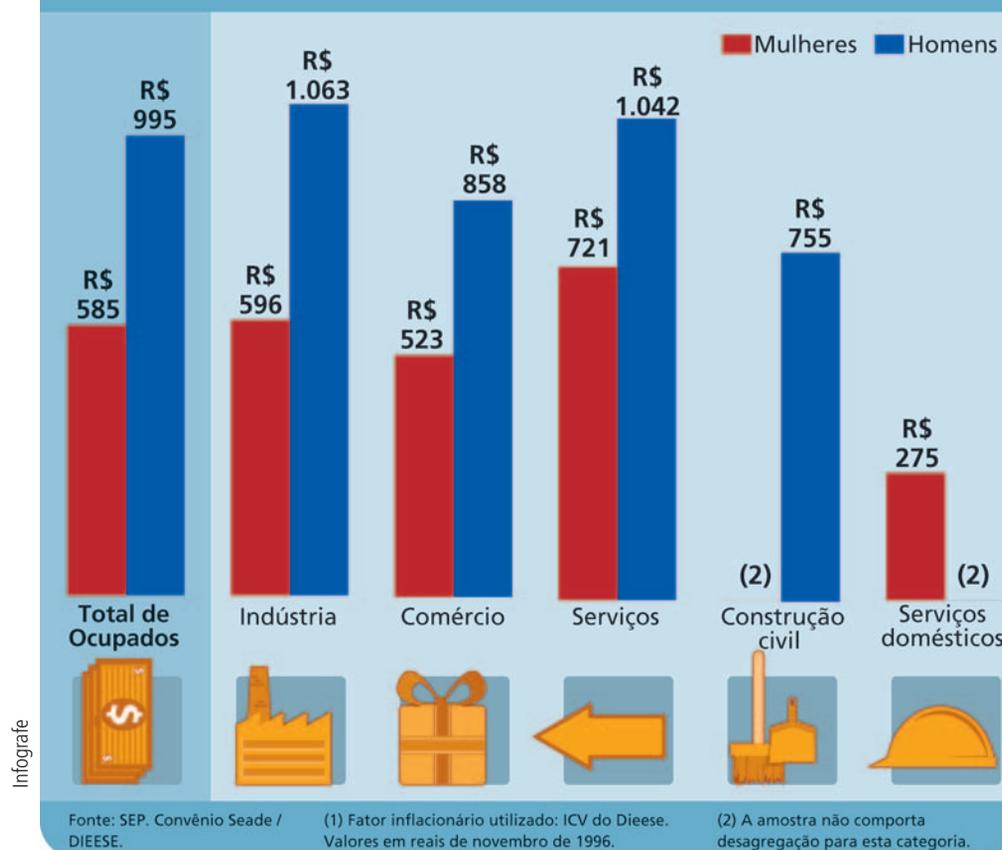
Foto: Heitor Hui / AE

**Trabalhadores e trabalhadoras
em linha de montagem na
indústria automotiva.**





Rendimento real médio no trabalho principal, por sexo, segundo setor de atividade (1) - Região metropolitana de São Paulo - 1996



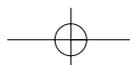
Em 1996, o rendimento médio das mulheres brasileiras, de 585 reais correspondia a 60% do obtido pelos homens que era de 995 reais. Apesar da recuperação observada após a contenção da inflação, ainda não foi alcançado o valor real de 1989, quando era apenas 30% inferior.

Se for considerado o rendimento por hora trabalhada, esse diferencial também persiste. Em 1996, as mulheres recebiam, em média, 3,50 reais por hora e os homens, 5 reais. Isso demonstra que o menor pata-

mar de remuneração verificado para elas não pode ser atribuído apenas, como se poderia supor, a uma jornada menor de trabalho (39 horas para mulheres e 46 horas semanais para homens).

As diferenças de rendimentos entre homens e mulheres verificam-se em todos os setores de atividade econômica, por posição na ocupação e, inclusive, em grupos de ocupações semelhantes.

Adaptado de texto publicado no site do Dieese (www.dieese.org.br).



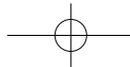


HOMENAGEM A QUEM FAZ

Ana Miranda

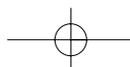
*A escritora
lembra,
minuciosa,
cada pessoa
que a
homenageia
com seu
trabalho*

Benditos sejam os que fazem os trabalhos do cotidiano, o que seria de mim se não tivesse o padeiro que assa o meu pão e o caminhoneiro que traz o meu leite até o mercado, e o gari que varreu a rua na frente da minha casa e o ciclista que traz o meu jornal, o que seria de mim sem a minha faxineira e o lavador de meu carro, e o japonês que cultivou as orquídeas da minha varanda, o que seria de mim sem o marceneiro que fabricou esta mesa, o operário que girou os parafusos da minha geladeira, o carteiro que traz as minhas cartas, o balconista da loja de informática onde comprei esta tela, e a minha manicure e o sapateiro da esquina que trocou a sola de meu sapato de estimação, o que teria sido de mim sem a minha Irene, dona Irene acordava antes de todo mundo em casa, vestia seu uniforme e avental, prendia os cabelos, pendurava seus brincos de pingentes, passava batom, pintava as sobrancelhas com lápis e ia para a cozinha, tomava seu cafezinho, preparava o café da manhã, punha a mesa, ia buscar o jornal no portão, dava comida aos cachorros, varria as varandas, parava a olhar uma florzinha, aguava as plantas e gramados, sempre cantando, rindo, arrumava a casa varria limpava arrumava as camas, ia para a cozinha, cantando, cozinhava, uma comida caseira dos deuses, se eu estava fechada no escritório escrevendo e pensava Ah que vontade de tomar um café, chegava nesse instante a Irene com um café fresco, cantando, rindo, à uma e meia ela me chamava para um almoço



dos deuses, depois Irene lavava a louça, sempre alegre, enxugava e guardava, limpava a cozinha, lavava roupa a maioria a mão, e passava a ferro, as camisas engomadinhas, guardava as roupas, preparava um lanche, engraxava os sapatos, pregava os botões, depois fazia um jantar dos deuses, lavava a louça enxugava guardava, cantava cantava, pano de chão na cozinha, vidros limpos, um trabalho incessante, valioso, precioso, cada dia uma empreitada, uma ordenação profunda do mundo, da sociedade, um trabalho generoso, que me deu asas até a delicadeza dos confins, me libertava deste mundo para ir em busca de outros, me libertava do tempo e do espaço, de todo um emaranhado de vestígios da minha memória, e minhas lágrimas não eram de cebola, mas nessa liberdade eu deixava de viver algumas das coisas mais harmoniosas e calmantes da vida, como por exemplo lavar folhas de alface em água fria, no verão, ou derramar vinho no corpo de um peru para a ceia de Natal.

Publicado na revista Caros Amigos.





Iconographia

MULHERES E TRABALHO NA HISTÓRIA DO BRASIL

*Um mercado feminino
nas Minas Gerais*

Mary del Priore

(...) A presença feminina foi sempre destacada no exercício do pequeno comércio em vilas e cidades do Brasil Colonial. Desde os primeiros tempos, em lugares como Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, estabeleceu-se uma divisão de trabalho assentada em critérios sexuais, em que o comércio ambulante representava uma ocupação preponderantemente feminina. A quase exclusiva presença de mulheres num mercado onde se consumiam gêneros a varejo, produzidos muitas vezes na própria região colonial, resultou da convergência de duas referências culturais determinantes no Brasil. A primeira delas está relacionada à influência africana, uma vez

que nessas sociedades tradicionais as mulheres desempenhavam tarefas de alimentação e distribuição de gêneros de primeira necessidade. O segundo tipo de influência deriva da transposição para o mundo colonial da divisão de papéis sexuais vigentes em Portugal, onde a legislação amparava de maneira incisiva a participação feminina. Às mulheres era reservado o comércio de “doces, bolos, frutos, melaço, hortaliças, queijos, leite, marisco, alho, polvilhos, hóstias, agulhas, alfinetes, roupas usadas. Dessa forma, conjugam-se dois padrões que irão atuar na definição do lugar das mulheres no Brasil.

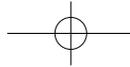
Pintores como o bávaro Rugendas e o francês Debret captaram em vários de seus desenhos e aquarelas nas viagens pelo Brasil da primeira metade do século 19 a presença das negras em torno de vendas, em atividades ambulantes ou sob tendas onde vendiam gêneros de consumo. Seus pequenos utensílios, a presença das crianças, formas de convívio, modalidades de produtos estariam evidenciadas nessa iconografia da vida urbana de algumas cidades brasileiras desse tempo.

As vendas se multiplicariam indiscriminadamente pelo território. Estabelecimentos comerciais dotados de grande mobili-

dade faziam chegar às populações trabalhadoras das vilas e das áreas de mineração aquilo que importava ao seu consumo imediato: toda sorte de secos (tecidos, artigos de armarinho, instrumentos de trabalho) e molhados (bebidas e comestíveis em geral). As vendas eram quase sempre o lar de mulheres alforriadas ou escravas que nelas trabalhavam no trato com o público.

O destaque da presença feminina no comércio concentrava-se nas mulheres que eram chamadas de “negras de tabuleiro”. Elas infernizaram autoridades de aquém e de além-mar. Todos os rios de tinta despejados na legislação persecutória e punitiva não foram capazes de diminuir seu ânimo em Minas Gerais e pelo Brasil afora.

“Negras de tabuleiro” foi a designação que acompanhou pelo Brasil colonial aquelas mulheres dedicadas ao comércio ambulante. Se aqui e ali há registros de que incomodavam as autoridades, seja porque fugiam com facilidades às medidas fiscalizadoras, seja porque sua conduta moral desagradava, foi nas Minas do século 18 que sua atuação alcançou dimensões mais graves. (...) Este expressivo espaço da participação feminina representou enormes inconvenientes diante dos poderes ordenadores da capitania. Sua mobilidade e a rapidez com que se multiplicavam como opção de vida (uma vez que se exigiam

**Texto 22 / História do trabalho feminino**

Acervo Iconographia



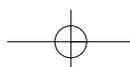
As “negras de tabuleiro” marcam a presença feminina no pequeno comércio das vilas e cidades do Brasil colonial. A distribuição de gêneros e alimentos a varejo, feita por mulheres, tornou-se vital para o abastecimento da zona mineradora.

para o negócio pouco capital e alguma coragem) ameaçavam comprometer consideravelmente os rendimentos da faina esperados pela fazenda real e pelos proprietários de minas.

(...)

A prostituição parece ter sido adotada como prática complementar ao comércio ambulante. No entanto, constituía atributo das escravas, empurradas muitas vezes a esse caminho pelos seus proprietários. Um dos casos que se conhece aparece na denúncia feita pelo visitador episcopal contra Catarina de Sousa, preta alforriada, acusada de obrigar com castigo a suas escravas (...) que lhe dêem jornal todos os dias de serviço e domingos e dias santos dobrado jornal (...) Se a prática do uso do sistema de jornais (o escravo dispunha de relativa autonomia para angariar rendimentos a serem pagos ao seu senhor) regulando as relações entre senhores e escravas pode sugerir uma situação mais amena, em se tratando das mulheres escravas elas suportariam uma dupla exploração: sexual e econômica. A escravidão revelaria então uma de suas faces mais perversas.

Extraído e adaptado do livro **História das Mulheres no Brasil**, Editora Contexto, São Paulo, 2000.



A LIFE FOR CHARITY



If we really want to love we must learn how to forgive. (words by Mother Teresa)

Foto: Algiberto Lima / AE

She was born Agnes Gonxha Bojaxhiu in 1910 in Skopje, Yugoslavia. Since her father was a co-owner of a construction firm, her family lived comfortably while she was growing up. In 1928 she suddenly decided to become a nun and traveled to Dublin, Ireland, to join the Sisters of Loreto, a religious order founded in the 17th century. After studying at the convent for less than a year, she left to join the Loreto convent in the city of Darjeeling in northeast India. On May 24th, 1931, she took the name of Teresa in honor of St. Teresa of Lisieux.

Mother Teresa is among the most well-known and highly respected women in the world in the latter half of the 20th century. In 1948 she founded a religious order of nuns in Calcutta, India, called the Missionaries of Charity. Through this order, she dedicated her life to helping the poor, the sick, and the dying around

the world, particularly those in India. Her selfless work with the needy brought her much acclaim and many awards, including the Nobel Peace Prize in 1979.

Mother Teresa died of a heart attack on September 5th, 1997.

Extraído de www.ewtn.com/motherteresawords.htm



GLOSSARY

Among. entre.

Co-owner. segundo dono / sócio.

Dying. moribundo.

Highly. altamente.

Latter. último, mais recente.

Needy. necessitado.

Nun. freira.

Selfless. generoso, não egoísta.

Sick. doente.

Suddenly. de repente.

Well-known. conhecido.

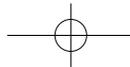
"ELLAS"

Nancy Slupsky

Ilustrações: Alcy



Nadie sabe cómo hacen con el tiempo
trabajan y trabajan
lavan planchan cosen barren limpian cocinan
bañan
peinan sacan piojos hacen camas buscan precios
amasan
educan llevan los chicos a la escuela van al
trueque,
buscan los chicos de la escuela, compran amasan
cocinan lavan planchan y
trabajan y trabajan
el día se convierte en noche sin parar de
trabajar.
Ellas sueñan con otro mundo para sus hijos
sueñan algo mejor
mucho mejor
sueñan
para ellos
y con ellos
No se quedan...
saben que el hambre no tiene espera
y salen
tímidamente porque creen que no saben que no
pueden
que no deben
con miedo
porque presienten que si les pasa algo nadie va a
poder hacer todo lo que hacen ellas
Ellas con los sueños escondidos
Ellas con las ganas apretadas
con los permisos contados
con las prisiones de los mandatos
Les han dicho que en la casa es donde deben
estar



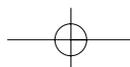
pero nadie les ha regalado nada como para seguir
 aguardando ahí sentadas
 Mientras las panzas de sus hijos aúllan de
 hambre
 los sueños están
 Pero hay que escarbarlos detrás de tanto
 cotidiano
 Primero el ahora
 el ahora urgente
 el ahora presente
 y por eso salen
 porque sus hijos les ponen alas
 Motores
 sus hijos impulsan las pocas fuerzas que el
 escaso
 alimento les socava.
 Pero esas fuerzas se juntan
 un sueño despierta al otro.
 Salen a la calle
 a reclamar
 a decir presente
 a marcar que no son fantasmas ni cifras ni seres
 perdidos en lugares perdidos
 a descubrir que valen y a aprender a gritarlo
 a mostrar que la dignidad es una actitud de vida
 Y salen
 Y se juntan y se juntan
 en los barrios en las calles en las rutas.
 Y construyen...
 esos sueños que tanto sueñan para ellas
 Y para sus hijos.

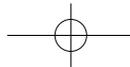


Ilustrações: Aicy



.....
Nancy Slupsky es poeta y activista argentina.





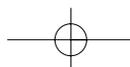
Primeiro congresso feminista realizado no Brasil, 1922.

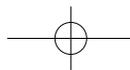
UM POUCO DA HISTÓRIA DO DIA INTERNACIONAL DA MULHER

Renato Pompeu

O Dia Internacional da Mulher, comemorado desde o início do século XX, é uma data que remete a todo um período de lutas por melhores condições de trabalho, diminuição da jornada de trabalho, principalmente das trabalhadoras americanas, pelo direito à educação e ao voto feminino. As trabalhadoras americanas vinham comemorando um Dia da Mu-

lher para marcar um calendário de lutas. Em 1911, em Nova York, dezoito dias depois do Dia da Mulher, em março, houve um grande incêndio numa conhecida indústria têxtil, a *Triangle Schirwaist Company*, cujo patrão, como era comum fazer à época, trancou a porta de saída à chave, o que num andar alto e num ambiente sem ventilação e com materiais inflamáveis, tornou-se fatal. Quando os bombeiros chegaram 147 operárias já haviam morrido. Após essa tragédia a solidariedade entre as tra-





**Comício feminista
realizado na Esplanada
do Castelo, RJ, em 1933.**

balhadoras estreitou-se e suas lutas deram origem às primeiras leis de proteção à vida e aos direitos das trabalhadoras.

Mas, já em 1910, Clara Zetkin, socialista alemã, propôs que o Dia da Mulher se tornasse “*uma jornada especial, uma comemoração anual de mulheres, seguindo o exemplo das companheiras americanas*”.

Sugeria ainda que o tema principal fosse a conquista do direito ao voto. Surge, então, o Dia Internacional da Mulher. A partir daí, as operárias européias e russas assumiram essa data que, em 1914, foi comemorada no dia 8 de março. Consolidando essa data, em 1917, no dia 23/02 no calendário gregoriano (ou 8 de março) as operárias russas desencadearam uma greve geral, cujas manifestações precipitaram a Revolução Russa.



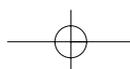
Depois das grandes guerras, na década de 1960, os movimentos de libertação das mulheres em todo o mundo retomaram essas comemorações. No Brasil, em plena ditadura, a partir dos anos 1970 o movimento de mulheres ressurgiu colado às lutas pela democracia e em 1975, quando a ONU organizou uma Conferência Mundial de Mulheres, o movimento de mulheres retomou as lutas coletivas mais abertamente.

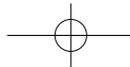
Renato Pompeu é jornalista e escritor.

Calendário oficial

Em reconhecimento dessas lutas, o dia 8 de março foi instituído pela ONU, em 1977, como Dia Internacional da Mulher o que nos dá a oportunidade de fazer um balanço dos progressos e conquistas a respeito do lugar ocupado pelas mulheres e dos obstáculos à sua cidadania e levar o conjunto da sociedade e dos governos a refletirem sobre as formas de

enfrentar as desigualdades de gênero, ou seja, entre homens e mulheres, em diversas áreas, e elaborarem políticas públicas anti-discriminatórias, além de promover ações para a conquista da cidadania plena das mulheres, melhorando a qualidade de vida de todas e todos e construindo uma sociedade mais justa.

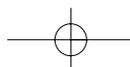


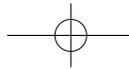


FAZEM MAIS E GANHAM MENOS



Ilustração: Alcy





A situação das mulheres em mercados metropolitanos

A conquista do espaço feminino no mercado de trabalho fez com que as mulheres hoje representem uma parcela superior a 45% da população economicamente ativa em cada uma das regiões pesquisadas. Embora uma parte significativa dos trabalhadores de ambos os sexos tenham baixo nível de escolaridade, as mulheres têm um perfil educacional mais elevado que a parcela masculina e a proporção daquelas que concluíram o 2º grau ou alcançaram o ensino superior é maior que a verificada entre os homens.

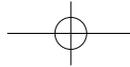
A presença da mulher no mercado de trabalho reproduz o padrão de incorporação que se registra entre os homens. A mais intensa participação ocorre na faixa etária entre 25 e 39 anos, quando percentuais que variam entre 65% e 78% das mulheres estão ocupadas ou mostram disponibilidade para trabalhar. Essa participação demonstra que os papéis de mãe e de principal responsável pelos afazeres domésticos não têm sido impedimento para parcela significativa das mulheres,

ainda que seja necessário desdobrar-se para conciliar ambas as atividades.

Dificuldades iguais

Homens e mulheres enfrentam, atualmente, dificuldades para obter uma ocupação, tanto que as taxas de desemprego são elevadas para ambos. No entanto, embora ainda estejam em menor quantidade no mercado de trabalho, as taxas de desemprego feminino são sempre superiores às registradas para os homens. Assim, enquanto entre as mulheres as taxas de desemprego ultrapassam o patamar de 18,2%, para os homens esse percentual cai para 12,3%. As peculiaridades de cada região determinam grandes diferenças entre o nível de desemprego de homens e mulheres: a taxa de desemprego feminino chega a ser 48% superior à registrada entre os homens e, mesmo onde essa diferença se reduz, ainda é de 21%.

Ao se combinar sexo e idade, verifica-se que as maiores dificuldades para obtenção de um emprego ocorrem para



Texto 26 / Desigualdade

as mulheres jovens. Mais de 30% destas mulheres, com idade entre 16 e 24 anos, em todas as regiões analisadas, encontram-se desempregadas. Entre os rapazes na mesma faixa etária o patamar reduz-se para 22,4%. No entanto, a mais intensa presença de homens e mulheres com idade entre 25 e 39 anos na força de trabalho faz com que sejam maiores os diferenciais entre as taxas de desemprego de ambos os sexos para essa faixa etária, justamente a mais produtiva.

Maior nível de escolaridade costuma ser um fator que aumenta a possibilidade de obter um trabalho, tanto que as taxas de desemprego tendem a diminuir para homens e mulheres que têm mais anos de estudo. No caso das mulheres, porém, a importância desse fator precisa ser relativizada, uma vez que o maior grau de instrução do sexo feminino – as mulheres, em todo o país, tendem a estudar mais que os homens – não implica menor taxa de desemprego que para os homens. Dessa forma, as taxas de desemprego para as mulheres com nível universitário são, no mínimo, 30% superiores às dos homens com esse nível de instrução.

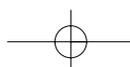
O mercado de trabalho, aparentemente, define determinadas funções como mais femininas. Assim, os postos de trabalho ocupados pelas mulheres estão, em grande parte, relacionados às atividades antes desempenhadas no interior do domi-

cílio, tais como serviços pessoais, educação, alimentação e saúde, que, juntos, ocupam mais de 22% do total das mulheres que trabalham nas diversas regiões metropolitanas estudadas. Além disso, entre 16% e 21% do total das ocupadas nessas regiões estão diretamente ligadas aos serviços domésticos, como empregadas mensalistas e diaristas.

Terra dos homens

Os empregos na indústria e na construção civil são essencialmente masculinos, sendo insignificante o percentual das vagas ocupadas pelas mulheres, em particular, neste último setor. No setor industrial, a presença feminina é bem menor que a masculina e apenas no ramo têxtil – onde a presença da mulher é, historicamente, significativa – há relativamente mais mulheres que homens trabalhando. A participação da mulher no setor industrial, porém, cresce e se diversifica na medida em que a indústria tem mais peso econômico para a região. Nesse caso, há inclusive redução das diferenças entre os gêneros.

A absorção de trabalhadores de ambos os sexos é bem mais equilibrada no comércio. A proporção de mulheres ocupadas neste setor é, em geral, levemente menor que as respectivas parcelas observadas entre os homens, diminuindo essas diferenças naquelas regiões onde esse setor tem maior peso relativo.





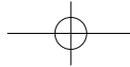
Linha de montagem de fábrica de chuveiros.

No que se refere à forma de relação de trabalho, as mulheres, da mesma forma que os homens, trabalham, em sua maioria, como assalariadas. A proporção, porém, é menor. Apenas o emprego doméstico é uma forma de relação de trabalho preenchida quase exclusivamente por mulheres. Só na região metropolitana de Recife o percentual de mulheres que trabalham no serviço doméstico é inferior ao de autônomas, em geral a segunda forma de relação de trabalho mais encontrada nas diferentes regiões metropolitanas, quando não se leva em consideração o sexo. Entre as mulheres também é relevante – ao menos em parte das regiões pesquisadas – a participação do trabalho

não remunerado em negócio de parentes. A atuação como empregadora, porém, é uma alternativa bastante restrita para as mulheres.

O detalhamento das formas de contratação do trabalho assalariado mostra que a concentração pelo setor público é muito mais importante entre as mulheres que entre os homens, embora o setor privado seja o principal empregador para ambos os sexos. A contratação com carteira assinada representa a maior parcela dos assalariados de ambos os sexos nas empresas privadas, ainda que exista uma proporção não desprezível de homens e mulheres contratados sem carteira, e portanto sem as garantias trabalhistas mínimas contempladas pela CLT. Essa forma de desproteção afeta mais relativamente o trabalhador assalariado do sexo masculino.

Um outro aspecto importante, que evidencia as desigualdades entre gêneros, são as ocupações exercidas como assalariados por ambos os sexos. As mulheres e os homens assalariados exercem ocupações com diferentes níveis de qualificação e hierarquia, e a maior parte desses ocupados está em funções semiqualficadas na execução, isto é, são trabalhadores diretamente vinculados a atividades-fim da em-



Texto 26 / Desigualdade



Foto: Fábio Motta / AE

Trabalhadoras
no Estaleiro
Barcas-Rodriguez,
em Niterói – RJ

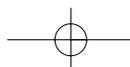
presa, mas que exercem funções repetitivas e de pouca complexidade.

As diferenças entre os gêneros se manifestam quando se levam em consideração os diversos subgrupos de ocupações. Entre as mulheres, o peso das ocupações qualificadas na execução das atividades de escritório e serviços gerais, nas áreas de apoio, e das atividades de planejamento e organização, dentre as funções de direção e planejamento, é maior que entre os homens. Para estes são relativamente mais reservadas ocupações de direção e gerência, ocupações de execução semiqualficadas e não-qualificadas, bem como atividades de apoio classificadas como não-operacionais.

Essas diferenças evidenciam que, se de um lado as mulheres assalariadas têm tido

acesso a postos de trabalho mais qualificados, ainda têm menores possibilidades de ocupar posições hierarquicamente superiores (direção e gerência), situação que também é refletida na sua pouca expressão como empregadora.

As jornadas médias de trabalho, embora altas, são bem menores que as executadas pelos homens, tanto para o total de ocupados como entre os assalariados. Entre estes últimos, porém, as distâncias entre o tempo de trabalho de homens e mulheres tendem a diminuir. As jornadas médias de trabalho das mulheres, em todas as regiões, estão próximas a quarenta horas semanais e cerca de 30% das ocupadas e de 20% a 32% das assalariadas trabalham mais que 44 horas por semana.



MAIS POR MENOS

O rendimento médio das trabalhadoras é, em todas as regiões analisadas, menor que o dos homens, quer atuem como ocupadas, quer como assalariadas. Esse dado resulta das diferenças nas características dos postos de trabalho ocupados por ambos os sexos e de possíveis discriminações de gênero na hora da fixação dos rendimentos.

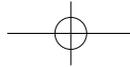
Além de diferenças entre o desemprego, a ocupação e os rendimentos de homens e mulheres, os dados evidenciam a desigualdade existente no mercado de trabalho das seis regiões pesquisadas. De maneira sintética, os principais aspectos a serem destacados são:

1 Os maiores diferenciais, entre ambos os sexos, do acesso às ocupações segundo níveis de qualificação e hierarquia são verificados em São Paulo e Porto Alegre, regiões onde o setor industrial e o trabalho assalariado no segmento privado têm maior peso, enquanto as menores desigualdades estão em Recife e Salvador, onde o mercado de trabalho é menos diversificado. A situação do Distrito Federal aproxima-se da registrada nas duas primeiras regiões, mas em consequência do peso do setor público; e Belo Horizonte registra pontos semelhantes aos encontrados em Salvador e Recife.



Ilustração: Alcy

2 Quanto maior o peso das ocupações industriais nos mercados metropolitanos, maiores são os percentuais de mulheres ocupadas no setor, bem como mais diversificadas suas funções. Com isso, as diferenças entre gêneros se reduzem. Nos mercados de trabalho metropolitanos de São Paulo e Porto Alegre, 15% das mulheres estão ocupadas na indústria, o que corresponde a, aproximadamente, 60% do percentual de homens que trabalham no setor. Já em Recife, Salvador e Distrito Federal, essa proporção entre as mulheres cai para 2% a 6% e não chega nem à metade do total de homens ocupados neste setor.



Texto 26 / Desigualdade

3 A crescente precariedade dos postos de trabalho é denominador comum a ambos os gêneros em todas as regiões metropolitanas, da mesma forma que as altas taxas de desemprego. Nos mercados menos estruturados (Recife e Salvador) são verificados os maiores percentuais de homens e mulheres em postos de trabalho considerados mais vulneráveis, e ocorrem as maiores diferenças entre os gêneros. Nessas duas regiões, o patamar de mulheres em situações vulneráveis está em torno de 50%, enquanto entre os homens situa-se em 35%, o que representa uma diferença acima de 14 pontos percentuais. Nas regiões de Porto Alegre e Distrito Federal, o patamar de vulnerabilidade para cada sexo é bem menor, bem como se reduz a diferença entre eles. Entre as mulheres este patamar está em torno de 35% a 36%, e entre os homens vai de 24% a 27%. Para São Paulo e Belo Horizonte verifica-se uma situação intermediária com proporções de 42% entre as mulheres e de 30% para os homens.

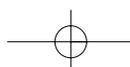
Em Recife e Salvador, entre 25% e 30% das mulheres estão desempregadas, enquanto para os homens estas taxas permanecem em torno de 18% e 25%. Nas demais regiões, as taxas de desemprego das mulheres, ainda que altas, caem para valores entre 18% a 23%. Porto Alegre, Recife e São Paulo registram as maiores desigual-

dades das taxas de desemprego de homens e mulheres, enquanto em Salvador e Belo Horizonte estão as menores diferenças. O Distrito Federal apresenta-se numa situação intermediária.

Os rendimentos também apresentam, ao lado da disparidade encontrada entre os dois sexos, acentuadas diferenças inter-regionais. Mulheres e homens, nas regiões metropolitanas de Recife e Salvador, têm rendimentos significativamente menores que os registrados para os trabalhadores de São Paulo e do Distrito Federal.

4 Finalmente, apesar das diferenças indicadas por este estudo, fica claro que existem denominadores comuns a ambos os gêneros, uma vez que, enquanto força de trabalho, estão inseridos em mercados marcados pela falta de oportunidades de emprego, pela desestruturação e pela crescente precariedade dos postos de trabalho ocupados.

*Texto publicado no Boletim Dieese – Edição Especial Março/2006 –
A situação das mulheres em mercados de trabalho metropolitanos.*



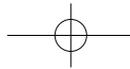


Foto: Cláudio Facchini



MENSAGEM DA BAIXA VERDE

“Nós, mulheres do grupo Baixa Verde,
 Queremos em nosso livro uma mensagem deixar.
 Contar como vivem as mulheres da família Reça,
 Lutando, trabalhando, os filhos educando, cozinhando e lavando,
 No roçado plantando sementes e árvores,
 Para que, onde uma mata morre, outra irá crescer.
 Plantando o SAF para nos alimentar e também para vender
 E, assim, podermos viver.
 Preservar as matas para respirar um ar mais puro.
 Sem falar nos remédios naturais que a mata nos oferece.
 O cantar dos pássaros, o perfume das flores, esta tranqüilidade,
 Tudo isso e muito mais que segura a gente longe do agito da cidade.
 As mulheres do nosso Reça e as de todo o nosso Brasil lutam pelos direitos iguais.
 Mulheres simples, de um coração bondoso,
 de uma simplicidade no olhar, com mente administradora,
 Mas que, por ser caipira, muitas vezes não consegue se expressar.”

Grupo Mulheres da Baixa Verde

Do livro *Nosso Jeito de Caminhar – projeto RECA - 2003*

Expediente

Comitê Gestor do Projeto

Timothy Denis Ireland (Secad – Diretor do Departamento da EJA)
Cláudia Veloso Torres Guimarães (Secad – Coordenadora Geral da EJA)
Francisco José Carvalho Mazzeu (Unitrabalho) – UNESP/Unitrabalho
Diogo Joel Demarco (Unitrabalho)

Coordenação do Projeto

Francisco José Carvalho Mazzeu (Coordenador Geral)
Diogo Joel Demarco (Coordenador Executivo)
Luna Kalil (Coordenadora de Produção)

Equipe de Apoio Técnico

Adan Luca Parisi
Adriana Cristina Schwengber
Andreas Santos de Almeida
Jacqueline Brizida
Kelly Markovic
Solange de Oliveira

Equipe Pedagógica

Cleide Lourdes da Silva Araújo
Douglas Aparecido de Campos
Eunice Rittmeister
Francisco José Carvalho Mazzeu
Maria Aparecida Mello

Equipe de Consultores

Ana Maria Roman – SP
Antonia Terra de Calazans Fernandes – PUC-SP
Armando Lírio de Souza – UFPA – PA
Célia Regina Pereira do Nascimento – Unicamp – SP
Eloisa Helena Santos – UFMG – MG
Eugenio Maria de França Ramos – UNESP Rio Claro – SP
Giuliete Aymard Ramos Siqueira – SP
Lia Vargas Tiriba – UFF – RJ
Lucillo de Souza Junior – UFES – ES
Luiz Antônio Ferreira – PUC-SP
Maria Aparecida de Mello – UFSCar – SP
Maria Conceição Almeida Vasconcelos – UFS – SP
Maria Márcia Murta – UNB – DF
Maria Nezilda Culti – UEM – PR
Ocsana Sonia Danylyk – UPF – RS
Osmar Sá Pontes Júnior – UFC – CE
Ricardo Alvarez – Fundação Santo André – SP
Rita de Cássia Pacheco Gonçalves – UDESC – SC
Selva Guimarães Fonseca – UFU – MG
Vera Cecília Achatkin – PUC-SP

Equipe editorial

Preparação, edição e adaptação de texto:
Editora Página Viva

Revisão:
Ivana Alves Costa, Marilu Tassetto,
Mônica Rodrigues de Lima,
Sandra Regina de Souza e Solange Scattolini

Edição de arte, diagramação e projeto gráfico:
A+ Desenho Gráfico e Comunicação

Pesquisa iconográfica e direitos autorais:
Companhia da Memória

Fotografias não creditadas:
iStockphoto.com

Apoio

Editora Casa Amarela

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro. SP, Brasil)

Mulher e trabalho / [coordenação do projeto Francisco José Carvalho Mazzeu, Diogo Joel Demarco, Luna Kalil]. -- São Paulo : Unitrabalho-Fundação Interuniversitária de Estudos e Pesquisas sobre o Trabalho ; Brasília, DF : Ministério da Educação. SECAD-Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2007, -- (Coleção Cadernos de EJA)

Vários colaboradores.

Bibliografia.

ISBN 85-296-0061-4 (Unitrabalho)

ISBN 978-85-296-0061-1 (Unitrabalho)

1. Livros-texto (Ensino Fundamental) 2. Mulheres - Trabalho I. Mazzeu, Francisco José Carvalho.
II. Demarco, Diogo Joel. III. Kalil, Luna. IV. Série.

07-0417

CDD-372.19

Índices para catálogo sistemático:

1. Ensino integrado : Livros-texto :
Ensino fundamental 372.19